

NO PINTCHA

ÓRGÃO DO MINISTÉRIO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA

TELEFONES: 3713/3726/3728

BISSAU

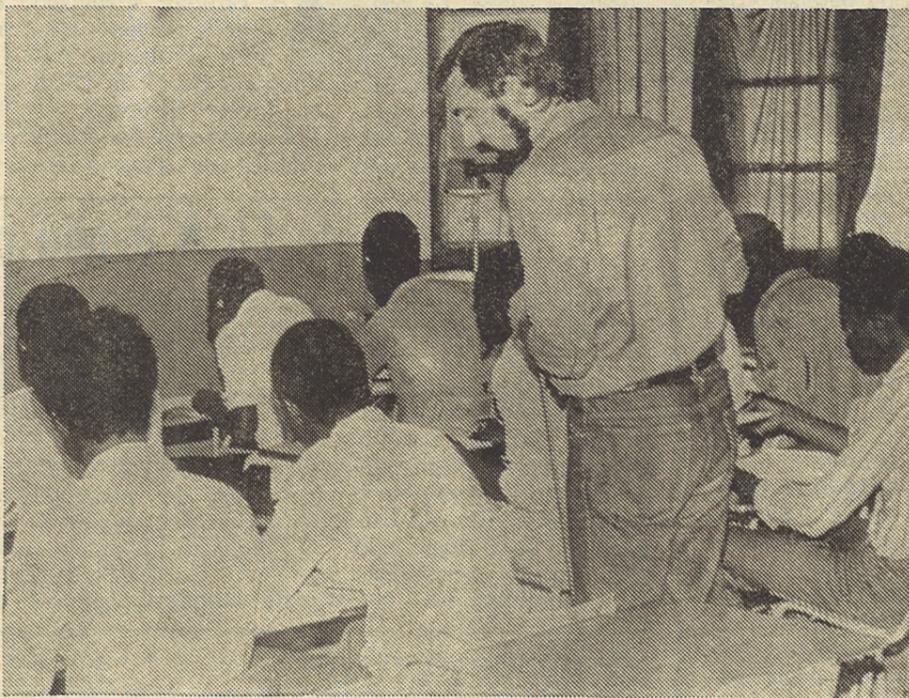
MATRÍCULAS 82/83: MINISTROS ANALISAM SITUAÇÃO

O Conselho de Ministros, durante a sua reunião de quarta-feira passada, debruçou-se sobre a situação de matrículas de novo ingresso nalguns liceus do país para o próximo ano lectivo conforme um relatório apresentado pelo Ministro da Educação Nacional, camarada Avito José da Silva, tendo adoptado várias medidas conforme noticiamos nas centrais.

Segundo a Agência Noticiosa da Guiné-Bissau, o Conselho de Ministros, cujos trabalhos decorreram sob a presidência do camarada Primeiro-Ministro, Victor Saúde Maria, deliberou nomear o camarada Adolfo Correia para desempenhar as funções de Director-Geral da Cicer.

De várias propostas apresentadas pelo Ministério da Educação Nacional, o Conselho de Ministros optou em fazer funcionar o Liceu Nacional Kwame N'Krumah do seguinte modo: Curso Geral com 138 turmas, no edifício do Liceu e nas estruturas do ex-Lar Masculino: Décima classe com 17 turmas, nas FARP. Décima primeira classe com 21 turmas, na Escola de Direito.

No interior do país, optou-se por manter a actual situação.



DIA MUNDIAL DA PAZ

O Dia Mundial da Paz foi celebrado na Guiné-Bissau no passado dia 1 de Setembro, com um comício, que teve lugar no Secretariado-Geral do Partido, em Bissau.

A iniciativa destas comemorações coube ao Comité Juvenil de Solidariedade da nossa organização da Juventude. O acto foi presidido pelo camarada Chico Bá, secretário do CC para as Relações Exteriores e nele intervieram representantes das organizações de massas. (Ver Centrais)

★ ANGOLA: O SIGNIFICADO DA PRESENÇA CUBANA (pág-7)

CONGRESSO DO PC CHINÊS

O Secretário-Geral do PAIGC e Presidente do Conselho da Revolução, camarada João Bernardo Vieira, enviou uma mensagem aos dirigentes chineses, por ocasião da realização do XII Congresso do Partido Comunista da China. Na mensagem, Nino Vieira formula votos de sucessos ao Comité Central do PCC e aos delegados, ao mesmo tempo que reitera a amizade e solidariedade do PAIGC e do

Conselho da Revolução ao heróico povo chinês e ao seu Partido.

O dirigente guineense declara-se convencido de que as decisões do Congresso «contribuirão para os sucessos da edificação socialista e para o reforço da luta anti-imperialista pela paz mundial, e a justa causa da libertação dos povos da dominação estrangeira, bem como da nova ordem económica internacional».

COMÍCIO DE AMIZADE PAIGC-PCP

Um comício de amizade entre o Partido Comunista Português e o PAIGC foi programado para ontem, em Évora, com a participação de Álvaro Cunhal, Secretário-Geral do PCP e Vasco Cabral, Secretário Permanente do Comité Central do PAIGC. O jornal «o Diário» que deu a notícia, refere-se aos «múltiplos laços de amizade e solidariedade» forjados entre os dois partidos na luta comum contra o fascismo, o colonialismo e o imperialismo. A luta heróica do povo guineense pela sua libertação nacional constitui, de acordo com aquele matutino, um significativo contributo à luta do povo português para o derrube da ditadura fascista que os oprimiu a ambos. Do mesmo modo, conclui o jornal, a Revolu-



ção de 25 de Abril de 1974 deu um importante contributo para a conquista da independência total e completa da Guiné-Bissau, sob a direcção do PAIGC.

SEMANA NACIONAL DA JUVENTUDE

Mês de Setembro. A Juventude Africana Amílcar Cabral não se esquecendo da sua origem promove este mês a Semana Nacional da Juventude (de 12 a 19). Este ano, como nos anos anteriores, esta semana afusiva à juventude guineense será marcada com actividades desportivas com as ditas «restantes» modalidades.

Assim, a JAAC, com a colaboração da ENEFD (Escola Nacional da Educação Física e Desportos), procura — na base que sempre norteou o seu patrono — a massificação do desporto, tendo como consequência a formação do homem novo sonhada pelo camarada Amílcar Cabral, Fundador da nossa Nacionalidade.

Esta semana desportiva, com início no dia 12, prolongar-se-á até 24 de Setembro. (Ver pág. 6)

ARAFAT NA TUNÍSIA

ATENAS — Levantando a mão com o sinal «V» da Vitória, Yasser Arafat saudou pela última vez os seus anfitriões gregos quando subia para o avião que o levaria à Tunísia.

Anteriormente o presidente da OLP passou em revista uma guarda de honra da força aérea grega acompanhado de vários representantes do governo grego.

No avião, Arafat era aguardado por quatro personalidades tunisinas: Beji Caied Essebsi (Ministro dos Negócios Estrangeiros), Mahmud Messadi (Presidente da Assembleia Nacional) Sadok Ben Jomaa (Ministro dos Transportes e Comunicações) e Mongi Kooli Director do Partido Socialista Desturiano — PSD).

Documento, camaradas!

Aproveito a coluna da «Carta do Leitor» do nosso jornal para tornar pública uma triste aventura que vivi, na companhia de mais sete pessoas, no último fim de semana que, em vez de ser consagrado ao descanso e à diversão decorreu, na sua maior parte, numa cela húmida de Esquadra de Bissau.

Falo do assunto porque no decurso deste meu primeiro contacto com o nosso universo prisional, vi uma série de anomalias, bastante prejudiciais à nova sociedade exemplar que queremos construir na nossa terra. Além disso, sinto-me no dever moral de proceder a uma autocritica, já que tive uma certa culpa nas circunstâncias que levaram a minha detenção e posterior prisão.

Embora não tenha desejado tal experiência, considero, contudo, que ela não foi totalmente negativa, na medida em que me permitiu constatar as contradições que ainda prejudicam as relações entre o cidadão e o agente da manutenção de ordem pública.

Tudo começou à entrada da padaria «Senegalesa» onde, à meia-noite e tal, quatro polícias procediam ao controlo de documentos (bilhete de identidade e cartão de imposto). Como eu não tinha os meus na altura, fui parar a um grupo de oito pessoas sem documentos, que o responsável da ronda encarregou um subordinado de conduzir até à Primeira Esquadra, recomendando-lhe ainda que desaparese à menor tentativa de fuga da nossa parte.

Claro que esta recomendação nos pareceu supérflua, já que não opusemos a mínima resistência. Por outro lado, consideramos a ordem de disparar perigosa, dado que o polícia que nos conduzia estava visivelmente «tocado» (era fim de semana) e, portanto, sujeito a qualquer atitude descontrolada.

No grupo iam três rapazinhos, que tinham ido comprar pão e que também não escaparam ao controle policial e nem à prisão. Isso foi o primeiro erro.

Ao chegarmos à esquadra, o nosso «conductor», no seu falar e andar cambaleante, ordenou (rindo) a um polícia presente que nos fechasse «lá em baixo». Não têm documentos.

«Lá em baixo, porque?» Estranhou o colega. Sempre rindo, o polícia que nos levou à esquadra voltou a afirmar — «lá em baixo», quer dizer que deviam-nos fechar como se estivéssemos presos, e não detidos para um controle de documentos. Foi o segundo erro.

Após uma espera mais ou menos longa, durante a qual o que parecia ser o superior dizia que havia papel, enquanto o subordinado (sem se levantar para ir procurar) insistia que não havia, acabaram por registar os nossos nomes, moradas, etc. E ficámos sentados no recinto da esquadra, com a esperança de ver algum conhecido passar, que pudesse dar uma saltada até a casa para nos trazer os documentos.

Já um pouco resignados com a nossa pouca sorte, eis que vem um agente à paisana e nos conduz (estupefactos) para a cela húmida, sem cama e mal cheirosa — mijá-se e evacua-se numa vala mesmo em frente, por onde passa a água do Geba. Ai ficámos umas sete horas. O agente justificou a nossa prisão com a desculpa de que o único colega que estava de guarda à entrada da Esquadra sentia-se incapaz de nos vigiar, e que portanto era mais seguro que fôssemos presos. Por nosso lado, ficamos com a incómoda sensação de que acabávamos de ser vítimas de um pequeno abuso de poder. Um colega nosso (ousara) discutir em cima a ilegalidade da nossa prisão, e para provar que podiam mesmo prender-nos, levaram-nos então «para baixo». Este foi o terceiro erro.

A nossa «aventura» terminou no domingo de manhã na Terceira Esquadra, em Bandidim, onde tivemos ainda a oportunidade de concluir que muitos polícias agem em absoluta ignorância das leis (um outro amigo disse-me que chegou a ser detido com mais de 40 pessoas, quando tinham os documentos em ordem).

FERNANDO J. L. PEREIRA (Jornalista)

Falta de combustível

Solução para breve

A penúria de combustível, que se tem vindo a registar no país durante algum tempo, está em vias de ser solucionada, segundo informou o director da DICOL, camarada Carlos Gomes Júnior.

Com efeito, deve chegar ao país até o dia 9 do corrente mês um carregamento contendo 1750 toneladas de combustível JETs, 750 toneladas de gasolina super, aguardando-se também um outro carregamento de 3500 toneladas de gasóleo proveniente da União Soviética. Ainda segundo aquele responsável da Dicol, até fins de Setembro deverá chegar mais um barco da França com

1750 toneladas de gasolina normal, 550 toneladas de Avegaz e 3750 toneladas de gasóleo.

Entretanto, segundo o camarada Carlos Gomes, o problema de fretamento de navio para transportar o combustível está na origem da ruptura do abastecimento normal ao mercado nacional.

Por outro lado, o preço de combustível está em via de ser revisto, pois o governo já criou uma comissão encarregada de estudar a revisão dos preços de combustível, após a última Assembleia-Geral da Dicol em Janeiro último.

É assim que no domínio da organização téc-

nico-administrativa está a assinatura de um acordo com Portugal, enquanto se aguarda a chegada ao país, em Outubro, de uma equipa para estudar toda a necessidade da empresa, tanto no domínio técnico como humano.

O camarada Carlos Gomes afirmou-nos que dentro de um acordo de cooperação assinado em Portugal, já se encontram no país dois técnicos portugueses, um engenheiro químico e um economista, por um período de dois anos.

O primeiro irá ocupar-se do parque da empresa assim como da expansão da empresa a nível do país, e o segundo en-

carregar-se-á da parte da organização administrativa e financeira, exercendo ainda o cargo de conselheiro da empresa.

Cooperação Bissau-Luanda

Uma delegação angolana de Saúde encontra-se em Bissau desde sexta-feira passada, para contactos com os responsáveis guineenses pelo sector sobre possibilidade de assinatura de um acordo de cooperação entre os dois países. A missão angolana que vem ao nosso país na sequência da anterior visita do Ministro angolano de Saúde, é dirigida pelo director do Centro de Medicina Física e Reabilitação, camarada Augusto Dias da Silva e integrada pelo chefe da Oficina de Prótese, camarada Domingos Kaienga.

Missão de FIDA avalia projecto

Uma missão de FIDA (Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola), conduzida pelo senhor Howard Johnson, esteve no país durante duas semanas, no âmbito de um projecto agrícola para a Ilha de Komo, que será financiado por aquela instituição de Nações Unidas.

Durante a sua estada, a delegação que integrou técnicos ligados à irrigação, agronomia e instituições estudou as reais possibilidades de execução do projecto, estando já prevista a elaboração de um projecto standard.

Na sequência das tarefas de avaliação a missão de FIDA que seria ainda integrada pelo senhor Zadach, controlador dos projectos do referido organismo, deslocou-se a Caboxanque e Komo e foi recebida pelo Ministro do Desenvolvimento Rural, camarada Paulo Correia.

Responde o povo

A carência de vida (conclusão)

Na sequência da entrevista sobre a carência de vida, o regime deposto continua a ser o alvo de críticas furiosas, como responsável pela situação catastrófica em que o país está mergulhado.

Vejamos o que nos disseram os camaradas interrogados sobre o assunto.

A POLÍTICA SALARIAL NÃO CORRESPONDE AO NÍVEL DE VIDA

António Cactano Nancassa, 21 anos, estudante. «Para dizer claramente as coisas, penso que a vida na época colonial era mais boa em relação ao tempo actual. Porque na época colonial, o território então controlado pela administração portuguesa era muito mais limitado de forma que os produtos chegavam para todos, tornando assim a vida mais fácil para a maioria das pessoas. Por outro lado, Portugal tinha aliados fortes que lhe davam ajudas avultosas para enfrentar a situação da guerra colonial.

Após a independência, muitos responsáveis esqueceram o seu dever para com esse povo martirizado e entregaram-se à bela-vida, ao comodismo, e está no

alheio ao que se passava à sua volta. Muitos até lutavam para conservarem o lugar a todo o custo, em detrimento dos interesses do povo. Toda essa situação é mais visível no regime deposto. Depois do 14 de Novembro muitas destas práticas diminuíram, mas não foram totalmente combatidas. É preciso tomar medidas severas contra certos corruptos que contribuem para o agravamento da situação vigente. Temos como exemplo os produtos que se estragam nos Armazéns do Povo e pessoas que desviam produtos para seus fins egoístas. Muitas vezes, quando uma pessoa comete erros a nível económico, passados dois ou três dias, vemos essa mesma pessoa bem instalada num outro emprego.

Por outro lado, a política salarial não corresponde ao nível de vi-

da, além disso, o Ministério do Comércio não está a trabalhar muito bem, visto que se verifica a diferença de preço dum mesmo produto».

NÓS DA TABANCA SOMOS OS PRIMEIROS AFECTADOS

Sidónio Pinto Mendonça, 20 anos, estudante. «Actualmente a vida está muito cara no nosso país e há muito a situação dos meus colegas desempregados, visto que alguns chefes de família sofrem moralmente com a situação. Com o aumento gradual dos produtos de primeira necessidade, nós os da tabanca, somos os primeiros a ser afectados pela crise e os últimos a conseguir os produtos importados porque o rendimento salarial é fraco.

Mas para pôr entrave a esta situação, somos nós que devemos trabalhar muito».

«A VIDA ESTÁ MUITO CARA»

Joaquim Barbosa (Ocobóm), 18 anos, me-

cânico da Junta Autónoma dos Portos de Bissau. «No meu ponto de vista penso que a vida está muito cara para a maioria da população mas o mesmo não se pode dizer em relação a alguns que se aproveitam dessa crise para se enriquecerem. Mas vejamos só o que fazem os fiscais: multam as nossas mães que vendem o seu baguitche obtido com muito calor, para comprarem uns quilos de arroz, enquanto deixam os comerciantes de lojas praticarem os preços dos produtos ao seu bel-prazer. Não vêem por exemplo, pessoas que compram cerveja a 18 pesos mas que a revendem nos «clandós» a 25 pesos cada.

Para dizer a verdade, penso que os fiscais estão a contribuir para tornar a situação mais difícil, porque muitas vezes, vemos que são subornados pelos comerciantes desonestos. Urge, portanto, arranjar fiscais contra fiscais».

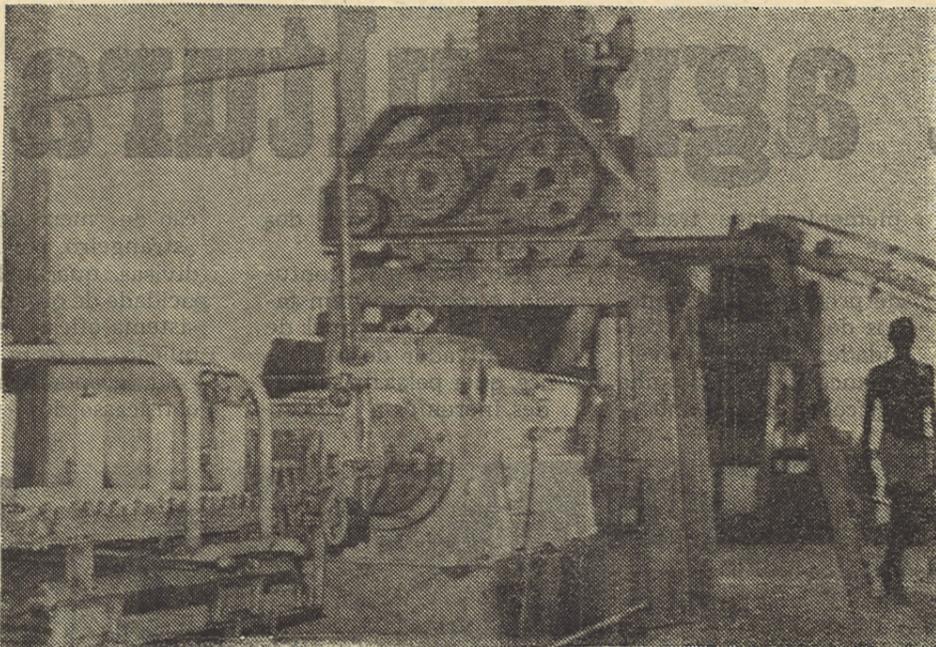
Gerâmica de Bandim sente falta de apoio

A empresa nacional de cerâmica de Bandim (unidade de produção de telhas e tijolos) está a produzir de momento em número muito reduzido devido à falta de material, de meios de transporte e ainda da falta de apoio por parte do Governo, indicou o seu director, camarada Quissife N'Dami Na Ina.

Com efeito, a empresa que trabalha sob a tutela de Direcção-Geral da Indústria não tem recebido grande apoio por parte do nosso Governo, especialmente no que respeita à criação de um fundo social. Logo do início das suas actividades experimentais, a empresa recebeu um fundo de investimento de 13 milhões de pesos, e só com essa quantia é que ela tem vindo a resolver todos os seus problemas.

Ainda segundo o camarada Quissife, actualmente fabricam somente produtos frescos devido à falta de lenha. Ainda vão conseguindo barro porque alugam camiões das Obras Públicas, visto que o único meio de transporte de que dispunha a fábrica avariou desde Maio passado. Se não fosse isso a empresa teria mesmo que parar.

Por outro lado, o director da fábrica falou-nos dos produtos que ali fazem, tendo afirmado que na fase experimental produziam tijolos de 10, 15 e 20 centímetros que vendiam na altura por cinco, seis e sete pesos e meio cada um. A partir de 1977/78 aumentaram o preço dos produtos para 19,50; 23,50 e 30 pesos, respectivamente, para pode-



rem dar cobertura a todas as despesas. A quantidade de produção diária cifra à volta de 3500 tijolos mas, contudo, esse número não chega

para satisfazer os pedidos que têm recebido. Trabalham na unidade um total de 37 operários usufruindo um salário que vai de três mil pesos a 8 750 pesos, e

estão organizados em comités do Partido de base. Até este momento, esses trabalhadores não foram sindicalizados, o que acham estranho.

Falta de açúcar

A escassez de açúcar que se tem verificado ultimamente no mercado nacional deve-se essencialmente ao atraso da chegada do navio, indicou-nos uma fonte ligada ao Ministério do Comércio e Artesanato.

Efectivamente aguarda-se desde o dia 31 do mês passado a chegada de um navio que transporta 600 toneladas de açúcar (500 toneladas para o consumo público e 100 toneladas para a Cicer) adquiridos pelo nosso Governo na França. Entretanto, a mesma fonte adianta que a encomenda foi feita com muita antecedência, antes mesmo de haver ruptura do «stock».

Por outro lado, conforme havia sido anunciado oportunamente, o Governo de Cuba pôs à nossa disposição duas mil toneladas deste produto.

Só que fazer deslocar um navio daquele país apenas com essa quantidade de carga ficaria muito dispendioso. Por isso, as entidades cubanas aguardam que haja outras encomendas para que o barco possa fazer somente um percurso. Mas o problema deverá ser resolvido até final deste mês.

Cinema

Continuam a ser exibidos no cine-UDIB, em matinée, pelas 18,30 H o filme «O clã dos sicilianos» para maiores de 13 anos e em soirée, pelas 21 horas, a película «A outra face de Roma» interdito a menores de 18 anos.

No Bairro de Ajuda está a ser apresentado em matinée e soirée o filme «O vale da paixão» para maiores de 13 anos.

Possibilidades: O público de Bissau poderá ver brevemente, na me-

diada em que já se encontram em Bissau, importados pelo Instituto Nacional de Cinema os filmes: «Nunca foram vencidos» um dos melhores «westerns» de sempre com John Wayne e Rock Hudson. Emboscadas! Traição! Lutas! Acção! Amor! Entre os sangrentos campos de batalha da guerra civil e as vastidões desérticas do México, o altivo código dos que não se consideram vencidos, fez destes dois homens fortes, dois amargos inimigos.

«O segredo do planeta dos macacos» uma das mais famosas obras de ciência e ficção até hoje adaptadas ao cinema. Um espectáculo sensacional onde a emoção impera! No planeta Terra, destruído pelo homem, surge uma nova civilização. Seres outrora primitivos são agora os senhores do mundo. Um astronauta do século XX naufraga num mundo incrível! Uma brutal raça de macacos ataca o mundo subterrâneo, último refúgio do Homem.

Meteorologia

Boletim meteorológico fornecido pelo observatório de Bissau, das zero às 18 horas de ontem:

Temperatura máxima do ar 30 graus.
Temperatura máxima média para o mês 30 graus.

Temperatura mínima do ar 24 graus.
Temperatura mínima média para o mês 23 graus.

Humidade máxima 96 por cento. Humidade mínima 65 por cento.

Vento predominante do Noroeste com velocidade média de 12Km/h.

Vento máximo do Sudoeste com velocidade de 33Km/h.

Precipitação: 1,4 milímetros.

Assalto a residência

Na sequência da contra-ofensiva desencadeada pela secção de Investigação Criminal contra roubo e corrupção, foi descoberto mais um caso, desta feita praticado por um tal António da Costa, de 23 anos de idade. Causador de há longa data, António da Costa encontrava-se preso em Carache por roubo de objectos eléctricos, donde fora evacuado para

a capital em tratamento médico.

Aproveitando esta liberdade condicional para um melhor controle médico, assaltou uma residência pertencente a um cooperante, sítio no Bairro de Tchada. O roubo rendeu-lhe uma rima de louças, talheres, conservas em lata, sabão, entre outros artigos, cujo valor em dinheiro não nos foi dado a conhecer.

Farmácias

HOJE — «Belém» — Bairro de Belém, telefone 21 34 73.

AMANHÃ — «Higiene» — Rua António N' Bana, telefone 21 25 20.

SEGUNDA-FEIRA — «Pindjiguiti» — Rua Guerra Mendes, telefone 21 24 60.

TERÇA-FEIRA — «Moderna» — Rua 12 de Setembro, telefone 21 27 02.

Antonieta Lima: «A costura cansa a vista»

Para esta edição o Nô Praça esteve no Bairro de Chão de Papel/Varela onde contactou a camarada Antonieta Lima, costureira de profissão, com 41 anos de idade. Explica-nos a certa altura da nossa entrevista que «a costura cansa a vista e faz-nos envelhecer depressa».

O seu nome e idade?

Antonieta Lima mais conhecida por «Dan». Tenho 41 anos apesar de parecer mais velha mas sabe a costura cansa a vista o que me obriga a usar óculos e faz-nos envelhecer depressa.

É casada? Quantos filhos tem?

Sou viúva. Tenho dois filhos que estudam. Um estuda no liceu e outro no ciclo preparatório.

Gosta do que faz?

Infelizmente a costura é o meu único meio de subsistência. Se não soubesse coser o que se-

ria de mim sem marido e com dois filhos por criar? No nosso tempo a escola não era importante para as mulheres. Só aprendíamos a fazer trabalhos domésticos. Agora posso dizer, graças a Deus aprendi esta profissão. Mas se quiser que eu seja mesmo sincera, posso-lhe dizer que não gosto de coser. É cansativo e exige muita paciência, coisa que me vai faltando aos poucos.

Quais as suas ambições?

Se lhe disser a verdade não vai acreditar mas, nunca penso em mim, mas sim nos meus filhos. A minha maior ambição é dar-lhes um curso antes de morrer.

Frequenta reunião de mulheres?

Não.

O que pensa do próximo Congresso das mulheres da nossa terra?

Têm falado muito nisso na rádio e no jornal. Penso que vai servir para resolver os

lavrar, a passar a ferro, a arrumar ou a limpar. De vez em quando vou a um choro de pessoa conhecida mas, só quando tenho tempo. Não tenho «mandjuandade» e nem tempo para isso.

Costuma discutir política?

Não gosto. A minha política é o trabalho.

O que significa emancipação para si?

Eu sinto-me emancipada porque sou chefe de família e sei responsabilizar-me por ela.

Acredita no iran ou nos moros?

Não. Eles não levam nunca o meu dinheiro. Acredito só em Deus.

Acha a vida cara?

Muito, que o dinheiro que ganhamos não chega para nada. Antigamente o mesmo dinheiro dava para muito mais.

O comércio como complemento da agricultura

O comércio é tido como um dos sectores fundamentais para o desenvolvimento de qualquer país, sobretudo do Terceiro Mundo, onde actua como complemento da agricultura. Tal com-

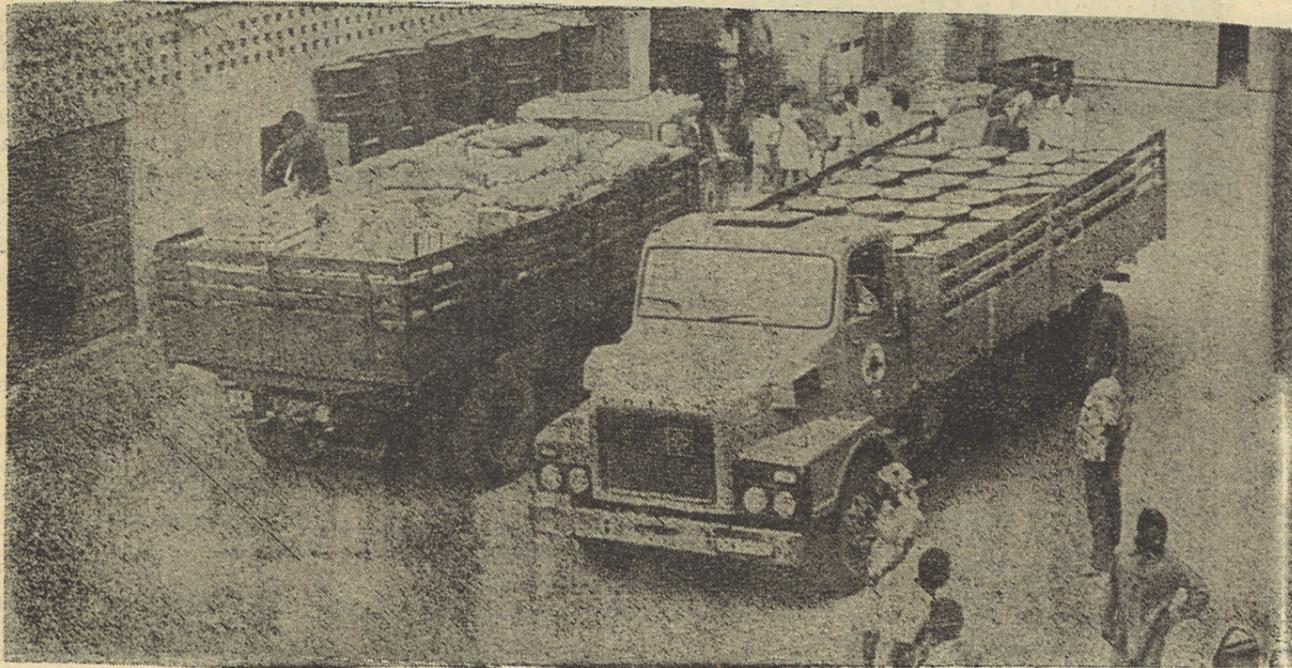
plementaridade traduz-se no abastecimento dos principais factores de produção e de géneros de primeira necessidade, indispensáveis ao sucesso da campanha agrícola, como também

na comercialização dos produtos.

No nosso país, contudo, o comércio tem falhado no seu papel de incentivador do camponês, quer pelas dificuldades inerentes à aquisição

de mercadorias no estrangeiro, por falta de divisas, quer pela incapacidade de organizar um sistema eficaz de distribuição. O facto contribuiu grandemente para o fracasso dos progra-

mas traçados pelo Governo para o sector agrícola, com vista não só a atingir a autosuficiência alimentar como também para angariar divisas, através de exportação do excedente da produção.



Abastecer o camponês em géneros e material de trabalho, na altura devida, é uma das tarefas do Comércio

Combate aos ladrões e djilas

Combater os ladrões e os djilas, principais inimigos do povo, foi a palavra de ordem lançada pelo Primeiro-Ministro às populações, durante a visita à Região de Cacheu. A questão, que Victor Saúde Maria informou ser uma das preocupações do Governo e a que é preciso pôr termo, foi levantada em todos os comícios pela população, que pediu a colaboração das autoridades no sentido de acabar com o surto de roubo, que tem aumentado assustadoramente. Segundo informarem elementos da população, o facto ganha maior dimensão quando ultrapassa as nossas fronteiras, pondo em risco as nossas relações com os países vizinhos e a segurança das populações fronteiriças.

Augusto Bacass, responsável pela secção de Camapada, afirmou que já é tempo de o Governo tomar medidas duras contra os ladrões. Segundo ele, quando se pretende lavar a roupa tem que se ir à fonte, para que ela fique limpa. «Temos que dizer a verdade, e queremos que o camarada Primeiro-Ministro nos diga se tomamos a independência para roubar, porque sendo assim deixamos de pagar impostos», afirmou aquele quadro do Partido, em gesto de alerta aos nossos governantes. «Ou, então, — prosseguiu ele — quando alguém é roubado, se deve ir a Bissau dizer ao Primeiro-Ministro que lhe recompense».

Victor Saúde Maria informou que já existem leis, aprovadas pela Assembleia Nacional Popular, e que é preciso aplicar. Elas prevêm a expropriação dos bens do ladrão e sua expulsão para outra região. No entanto, a população levantou a questão de como apanhar o ladrão, uma vez que este anda geralmente armado e agride quem o surpreenda. De acordo com o camarada Primeiro-Ministro, nesses casos, se um ladrão é surpreendido e tentar fugir ou agredir alguém, deve ser abatido, porque ele causou desgraça ao povo.

O Chefe do Governo defendeu que as autoridades têm que defender a população dos ladrões, que

desgraçam o trabalho de vários anos de uma família numa só noite. «Temos que ser capazes de descobrir os ladrões e combatê-los no duro, porque, se um homem grande tem muitas vacas isso é uma riqueza para o país. Por isso temos que defendê-lo dos ladrões e se o Governo pode, vai mesmo ajudá-lo ainda mais para conservar a sua riqueza» disse Saúde Maria.

DJILAS — UM PERIGO PARA A ECONOMIA

O problema dos djilas, outra praga que grassa a nossa economia, foi igualmente debatido exaustivamente nas reuniões. A população denunciou, por outro lado, o conluio de alguns responsáveis dos Armazéns do Povo e da Socomin, empresas responsáveis pela comercialização dos produtos. Segundo informaram, esses responsáveis utilizam de todas as artimanhas para fornecer mercadorias aos djilas muitas vezes mesmo os importados, para os djilas venderem nos países vizinhos, em troca de divisas para servirem exclusivamente os seus interesses.

Victor Saúde Maria condenou essa prática e convidou o povo a colaborar com as autoridades e a denunciar todos os casos detectados. «Temos que controlar a saída dos nossos produtos para as fronteiras, porque é a nossa riqueza que sai», afirmou o camarada Victor Saúde Maria. De acordo com as suas palavras, esse dinheiro apenas beneficia algumas pessoas, enquanto o povo que produz esses bens e que contribui para a entrada de divisas, não ganha nada com isso. Portanto, frisou o Chefe do Governo, é necessário que o povo em geral assumam a sua responsabilidade e dê a sua contribuição no combate à corrupção e à sabotagem económica. «Temos que saber defender a nossa independência contra tudo o que é sujo, neste caso particular, contra ladrões e djilas, que são inimigos do nosso povo», disse Victor Saúde Maria.

O assunto foi largamente versado nas reuniões com a população de Cacheu, durante a visita de trabalho do camarada Primeiro-Ministro àquela região. Representantes da população puseram o Governo, na pessoa do camarada Victor Saúde Maria, ao corrente das dificuldades que enfrentam na aquisição de mercadorias e de material de lavoura, e também na evacuação dos produtos agrícolas, sobretudo nas zonas onde não existem armazéns e onde as vias de acesso não permitem a circulação de viaturas.

O POVO DEVE COLABORAR

População e governantes encontraram nessas anomalias justificação para a fuga de mercadorias para os países vizinhos, com acertado prejuízo para a economia nacional. Combater tal prática é um dever apontado pelo chefe do Governo a todo o cidadão que quer realmente contribuir para o avanço desta terra. Mas, neste aspecto, uma questão se coloca: como sair da situação se os camponeses não têm onde vender os seus produtos, que muitas vezes chegam a apodrecer, como informou um camponês da tabanca de Cajegute, sector de Caió, referindo-se neste caso particular da batata doce que a população produz em grande quantidade. Ou ainda, de como aplicar o dinheiro resultante da troca, uma vez que os armazéns, na sua grande maioria, não dispõem de mercadorias.

Então, uma alternativa se lhes oferece, que é a de ultrapassar as fronteiras, para irem vender os produtos nos países vizinhos, onde nem sempre lhes pagam o preço justo. O problema se levanta, desta

Em Cajegute, sector de Caió, Primeiro-Ministro, simbolizando

vez, com o papel dos guardas-fronteiras. Estes últimos, conforme foi largamente frisado pelas populações e reconhecido pelo Governo, não dispõem de condições apropriadas para um controlo eficaz das nossas fronteiras. Victor Saúde Maria informou que o Governo desenvolve neste momento esforços no sentido de criar aos guardas-fronteiras meios apropriados para poderem exercer um controlo efectivo das nossas fronteiras, tanto terrestres como marítimas.

O Chefe do Governo não excluiu, no entanto, a necessidade da participação da população nesse sentido, pois segundo ele, todo o cidadão deve ser segurança para impedir a saída dos nossos produtos, não precisando para isso de ter farda. «Quando trabalhamos na bolanha e defendemos os nossos produtos é porque estamos a fabricar medicamentos e a contribuir para melhorar as estradas» — afirmaria por seu turno o Ministro do Desenvolvimento Rural, camarada Paulo Correia.

ENCONTRAR UM SISTEMA DE TROCA MAIS JUSTO

Entretanto, a população exprimiu a sua preocupação quanto ao sistema utilizado pelos armazéns na comercialização dos produtos. De acordo com as informações de elementos da população, a venda na sua maioria é feita por troca directa, recebendo o camponês por exemplo

Mondiacult

Defesa da cultura e de patrimónios nacionais

A conferência mundial sobre as políticas culturais, MONDIACULT, que terminou os seus trabalhos no passado dia 6 de Agosto após duas semanas de reunião, demonstrou que, para a grande maioria dos 119 países participantes, Cultura e Política são dissociáveis.

Desde a sua abertura, na segunda-feira, 26 de Julho, até ao seu encerramento, na noite de sexta-feira, após uma sessão plenária de oito horas, surgiram divergências de toda a ordem relativamente à adopção de 198 projectos de resolução, número alcançado numa conferência da Unesco.

A maioria das divergências surgiram a propósito de problemas políticos actuais ou de conflitos em curso que ameaçam esta ou aquela Cultura ou património nacional.

Os casos evocados com mais frequência nos projectos de resolução referiam-se às ameaças actuais contra a cultura palestiniana, os perigos actuais ou possíveis que pesam sobre a velha cidade de Jerusalém e as suas muralhas, bem como a sobrevivência das culturas bantu da África do Sul e da Namíbia.

Uma questão, que aqueceu os debates no capítulo da preservação do património cultural foi a da restituição aos seus países de origem de peças arqueológicas ou etnológicas conservadas tanto nos países europeus como em outros.

Assim, foi aprovada por votação, uma resolução, proposta pela Grécia, pedindo a restituição, pelo British Museum, do Parthenon, e uma outra do Egipto pedindo a restituição, pelo mesmo museu de Londres, do queixo da grande esfinge da Pirâmide de Cheops.

A delegação britânica argumentou não ter nenhuma meio de acção sobre o British Museum, uma instituição privada.

Entretanto, no seu discurso de encerramento, o Director-geral da Unesco, Amadu Mathar M'Bow, felicitou-se pelo

facto de, apesar das «divergências e confrontos intelectuais», se tenha conseguido um consenso sobre o Relatório Final resumindo em grandes linhas as resoluções, e sobre o texto da «Declaração do México», destinada a guiar a ac-

ção da Unesco em matéria cultural nos próximos anos.

O Relatório Final refere-se, nomeadamente, à identidade cultural dos povos e dos indivíduos, à «dimensão cultural do desenvolvimento», à relação «Cul-

tural-Democracia», ao património cultural e a conservação, aos problemas relativos à criação e à educação artísticas, às relações Cultura-Ciência - Comunicações, à administração e financiamento de actividades culturais, e à cooperação cultural internacional.

MONDIACULT foi a segunda conferência realizada sobre temas culturais, sob os auspícios da Unesco desde a conferência de Veneza em 1970.

Nô Kussas

Kamarada Dirétor M'misti, purmeru, fala-nhu mantenha djuntamenti ku kipa di tarbadjo di nhu. Nhu tem pacença, nhu diskulpan és nô kriol di Bissau-li (B'lau). Mã tambi kunformu nô na ba-ta skribi-l, assim ke nô-na ba-ta mindjoria-l

tok-i riba na kil nô bom kriol di antigu. Té na dia!... Motivo di és karta i di dá kontribuiçon na és iniciativa gëpan-di i «louvável» ke NÔ PINTCHA», djornel, tem di kriá «bambaram».

miti disinvolti nô kriol. I ku kila, nô kultura na bai danti també. Nô kussas i pá bá-ta djuda kumpu, i pá bá-ta falá kil ke stá mal, sim, mã tambi, kil ke sât bem. I um crítica konstrutivu pa um auto-kritice konscienti.

PANELA NA FALÁ KALERON KA BU TISNAN

I tem-ba um biás, na luhajla di Agustu, lua na ratcha-ba ninki pá 'u kudji gudja, limárias kontrá na bér-mar suma di kustumu.

Son kilis ke ta durmi sédu, ô ke ta leba sé fidjus pis, ke ka stá-ba le, suma gaivotas, pilkanu, murgudjon i utrus.

Nê kil luhada, benta-na léteti-ba-djá lama i lastrá riba di um pajás di tardi séku ke salton kebra-ba-djá di tardi,



otchá i djug'tá riba, pá kapli murdidura di ba nhu kákri, foronta di djepuff, ku madjadera di karanguis, na si bai danti ku bim trás.

Suma nê tudu banta-ba, n'humuni-u-n'utru, ô raini ka ta kabá, nô sukuta kombersa di nhu Lagartu ku nhu Pis-kabálu.

Lagartu — «Sôso, nês bônításku di iágu salgadu, n'tem um nobe ke n'ôbi, mã tarpadjádu nan-própi, suma é maré ke nê bim lantá sin...»

Pis-kabálu — «Kumpadri», ka bu falá kila!

Lagartu — N'falá-djá.

Pis-kabálu — Mã, és i ké ku tem pa palá?

Kalá kaládu...

Mã i stá nan sume pá raforçá kil óra Boka-di-Kilakói capli ribe, i na

— Casamento falhado (conto)

— A religião e os habitantes de Cassacá

— Uma fábrica a baixo preço

«Nô kussas» i manga-d'-el. I tchiu dimás!...

«Nô kussas» ta odjadu na nô kassa, um purmeru, na kau di tarbadjo, um sugundu — suma na oficina, na «birô» ô kuma tchomadu própi, na gabinete, fábrica, purtu, kampu di aviaçon, hospital, sirbis di guarda, pulícia, kortól, skola, ministérius, assim-son...

«Nô kussas» tudo dia na diskutidu, mã i ka kila ke na tudji-nu «parli ku tici-ku leba...» nô ka tâ mendá!! Kombersa na kombersadu, runion na faci-du, mã kim ke falau! I boka-kumpridu pá-li, i boka-cinhu pá-la, i kinti-korçon, i tomá a peitu pa és-li, pá f'lanu-la, i faltá tarbadjo ahôs, amanhã i matá algum di si família pa pudi «justifika» falta..., i djunda-djunda li ku lá, i ruini pá-li, i murdi kumpañher, i n'humuni-lá... KRÉDI-

«Nô kussas» pudi skirbidu na manga di «kapítulus», pabia é-tchiu.

Mã ahôs nô na kumsa-l ku nô ditu di «Panela na falá kaleron ka bu tisan!»

pirdi ku kássa, i pupá si bua-bua, suma kim ke «kuuakkk!!...» té tris biás... Kil kussa mé pantá Pis-kabálu.

Lagartu — N'kuda bu óbi, bu óbi??? Huummm, hejiiá!...

Pis-kabálu — Kontan, i, tem pacença, ké ke na bim trás?

Lagartu — N'ôbi nan um tuáda, kuma é na panhá tudu ké ku téné boka ggaeraaaaandí!

Pis-kabálu, suma é tarda-ba-djá nê kombersa, sônu tenêl i na bócejá-ba-djá, mã kontrá i iabri boke, son i óbi kil kombersa, i fitchá si boka kinti-kinti pá rus-pundi Lagartu, ku garaçe nan própi.

Pis-kabálu — Ah! ah! ah! ôh! ôh! eh! eh!... Koitádi di nhu Lagartu, son pa i tomá sintidu!...

Am'puss dê: «Panela na falá kaleron ka bu tissinan!» Al-lá!

Ès i um stóriá ke nha Nhara Gumi di Katcheu di-bom-bardadi kontá, i nô na pidi'l licença pá djintis «benheñhi» uma bokadu na és nô «bambaram».

Utru biás, nô na bim ku «kapítulu» di «Pára sardia-sardia» ô «Kê ku tem la»... pá kade kim tarbadjá, na kássa, na sirbis, ô nê nundê... pa nô pára fala «tchaga di utru na fédi», assim tere tá pudi bai pá danti!

Din-din bá

Chimpanzés e Macacos

Chimpanzés e Macacos. Foi recomendado à OMS a acelerar o desenvolvimento de um programa internacional sobre primatas, destinado principalmente a proteger as populações de todas as espécies de primatas, e particularmente chimpanzés e macacos, e a determinar o número deles necessário para pesquisas médicas.

Especialistas de dez países acham que nenhuma espécie indicada pela União Internacional para Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais deve ser tirada do seu ambiente natural para pesquisas biomédicas.

Casamento falhado — um conto

Fanta acordara cedo, como habitualmente. Pôs o pote de barro sobre a cabeça e dirigiu-se des preocupadamente para a fonte. Fanta era linda, lindíssima. Morena, alta e esguia, fazia lembrar as Deusas da Antiguidade. Contava 19 anos, mas ninguém lhe dava mais que 14 ou 15, dada a sua natural ingenuidade. Encheu o pote, higienizou-se como habitualmente e quando se preparava para regressar à casa, viu surgir à sua frente um seu tio de nome Abibo que, após uma recíproca saudação, lhe pediu que ficasse mais um bocadinho, pois que era portador de um recado de seu pai. — disse, depois de ter tossido:

— Fanta, hoje é um dia grande para ti! Teu pai, querendo honrar-te, vai hoje dar-te em casamento a um moço mais lindo do regulado. Ele é filho do régulo, é rico e tem a tua idade. Lembra-me bem — prosseguiu — quando as vossas mães vos deram à luz no mês de Outubro de uma já longínqua chuva. Que festa nesse dia!

— Pois bem, Fanta — retomou a palavra — é hoje e será na calada da noite que te vêm buscar. Será festa grande, animada. Os «djidius» (1) anima-la-ão com danças e cantares. O régulo, teu futuro sogro, todo poderoso, virá montado no seu cavalo branco, rodeado dos seus mais fiéis

fundo e tentou balbuciar algumas palavras. Debalde, porém, foi o seu esforço.

O soluço embargara-lhe a voz. Olhou para o tio e, de repente, como que sacudida por um tufão, explodiu:

— Não. Não quero ninguém! Não quero casamento por imposição!

Um pesado silêncio tomou conta da situação. Fanta, agressiva, esperava o remate do tio. Abibo, admirado com a reacção, já não fumava. Pensativo, ia desenhando circunferências excêntricas no patamar da fonte com a ponta do indicador que descuidadamente molhava na água. O chilrear das aves tornava mais densa a monotonia. Num gesto frenético, nervoso, Abibo molhou toda a mão na água e desfez o que tinha desenhado. Bateu com o cachimbo na palma da mão para soltar o tabaco queimado, tossiu e, com voz forte, autoritário, disse:

— Fanta, é em vão o teu protesto!

— Não tens outro caminho senão aquele que o teu pai traçou. Hoje, quer queiras, quer não, serás desposada. E o filho do régulo será o teu eterno companheiro. Então, não vês, Fanta, toda essa faustuosidade e a alegria do teu pai? Desconheces, porventura, de que o teu pai, em troca de ti, recebeu um bom dote do régulo e que esse dote foi quase totalmente gasto nos preparati-

Não. Não quero ninguém!
Não quero casamento por imposição!

«batulais» (2) e precedido de seus «djidius» privativos que entoarão cânticos guerreiros.

Abibo, de quando em quando, pacherentemente, chupava o seu cachimbo, acompanhando com a vista o grosso rolo de fumo que lançava para a atmosfera.

Fanta tornou-se subitamente pálida! Notava-se-lhe no semblante um ar de pânico. Nada de momento pudera pronunciar. Os olhos fitos no chão e pestanejando sem cadência, davam-lhe agora um aspecto de quem tinha mais de 40 anos. Suspirou

(1) — Músicos.

vos para teu casamento?

— Pensa bem, Fanta, pensa na festa grande e no teu futuro!

De novo violento silêncio. Fanta chorava convulsivamente, rodopiando a cabeça ora para um lado, ora para outro, em sinal de negação, de incompreensão e de desânimo. Bateu com o pé no chão, mordiscou o lábio inferior e pôs-se a andar como uma autómatas, deixando o pote no chão. De quando em vez parava, olhava o infinito, limpava as lágrimas e fixava o tio. Fanta não tinha destino. Com passadas incertas, voltava sempre

ao local onde deixara o pote que mais parecia estar agora sob cerrada vigilância do seu interlocutor.

Abibo, julgando-se vitorioso, acendera de novo o cachimbo num gesto muito lento e pensativo. Arrancara uma folha de uma árvore e com ela tapara o cachimbo para evitar que se apagasse. Cedo, porém, abandonou a folha porque vinha con-

tribuindo para a alteração do aroma do tabaco. Era outro automático também, embora se esforçasse para não o mostrar.

Fanta, entretanto, havia desaparecido sorratamente! O tio, embebido nas suas reflexões, não deu por ela. Deixara ficar o pote e desaparecera misteriosamente. Fanta deambulava por muito tempo até que foi parar a uma povoação vizinha da sua, chamada Áfia. Deviam ser 14 horas. Dirigiuse à casa de uma sua amiga e colega e bateu à porta. Ninguém. Olhou à sua volta e reparou que estava tudo deserto. Uma ou outra galinha debicava o chão. Mais além, um pilão e um balaio, abandonados. Fanta caiu em desânimo e resolveu sentar-se num banco que se encontrava ao pé dela, mergulhada nos

seus pensamentos. Com os olhos fitos no infinito, o queixo apoiado sob suas lindas mãos, Fanta parecia uma estátua de Vénus. Aliás, só não se lhe poderia chamar de estátua porque era de carne e osso. Mas de Vénus... sim, se essa fosse viva, teria decerto séria rival para a disputa do trono divino.

Eis, porém, que o crepitar das ervas secas desperta Fanta do seu sonho, chamando-a atenção. Alguém aproximava. Olhou.

(2) — Espécie de servos. Era um rebanho de cabras que se aproxima-

Menção honrosa nos Jogos Florais

mava sob os cuidados de um velho seu conhecido, mas cujo nome, de momento, não pode e nem importa precisar. Cumprimentaram-se. Fanta, fingindo-se refeita dos seus sofrimentos, falou primeiro:

— Sabes dizer-me «maudo» (3) para onde é que foi a população desta tabanca?

— Sim, atalhou o velho — a convite do

não aparecia. O tio Abido contara ao irmão a conversa que tinha tido com Fanta e a sua súbita desapareção. Não omitira, também a firme negação de Fanta.

...E é assim que, com chegada incessante da população vinda dos mais recônditos pontos da região, a festa ia ganhando maior interesse. Tochas acesas

O fraco nível literário dos textos apresentados não permitiu atribuir os três primeiros lugares

régulo, toda a população das povoações deste regulado se acha concentrada na povoação de Sintchã (tabanca do pai da Fanta) onde hoje se celebra o casamento da filha do «maudo» Ibraima (pai de Fanta) com o filho do régulo. A concentração é enorme e a festa rija — rematou o velho, ao mesmo tempo que se dirigia para o rebanho a fim de enxotar uma ou outra cabeça que, descuidadamente, se afastara do grupo.

Sim. Fanta sabia que a filha do «maudo» Ibraima era ela e que a festa rija era em sua honra. Levantou-se e continuou a sua caminhada, sem destino traçado, mas sempre para cada vez mais longe.

...Entretanto, na tabanca do pai de Fanta, em Sintchã, começava a reinar uma certa inquietação, em contraste com tanta barrulheira dos tambores, rabecas, cantares, etc. Inquietação porque Fanta não aparecia. Ninguém dela sabia. O último que a vira foi o seu tio Abibo. Fanta fora procurada por todos os lados — nada. Na fonte a dar sinal de Fanta, só o pote — testemunha muda de um drama em embrião! Os festejadores, sem de nada ainda saberem, continuavam a dar, cada vez mais, maior brilho à festa. Dezenas de cabras e carneiros sacrificados jaziam por terra. Outros, ainda vivos, esperavam aterrizados a sua vez.

Todos os parentes mais chegados do pai de Fanta, estavam em movimento. Fanta

crepitavam de todos os lados. Mais além, notava-se aceso, um candeeiro à pressão em total contraste com as tochas. Um «djidiu» barulhento com uma rabeca debaixo dos braços e vestido de mil cores, dava berros impressionantes. Ninguém se entendia. Toda a gente tocava e cantava ao som de ritmos variados. A petizada, agrupava-se, obviamente, ao lado daquele que mais barulho fazia. Um tambor desafinado estava a ser aquecido numa fogueira especialmente acesa para esse fim. A festa, entretanto, só atingiria o seu auge aquando da chegada do régulo. O noivo, esse, não participaria da festa, esperando que lhe levassem a mulher. Um levar penoso e triste, com centenas de etapas obrigatórias, com a noiva sempre de joelhos e coberta dos pés à cabeça com um lençol branco reacendendo de calor misturado com um cheiro nauseabundo de perfume senegalês. Era assim que Fanta iria. Mas onde está Fanta?

Antes tarde do que nunca — diz-se. Chegou, enfim, o régulo. Vinha todo pomposo, acompanhado por mais de uma dezena de pessoas. Montado no seu cavalo branco, vestido com um alvíssimo «uarambá» (4), um cinto largo a atar-lhe a cintura, uma espada curva na ilharga, turbante na cabeça, esporas nas botas de montar, o

(3) — Velho, homem grande.

régulo era cópia autêntica de um guerreiro árabe. A sua chegada fez com que a festa redobrasse entusiasmo, com palmas e palmas prolegadas.

Muito atabalhoadamente, foi recebido pelo «maudo» Ibraima que, conforme é tradição, curvou a seus pés apertando-lhe a mão com duas mãos colocando de seguida a mão direita sobre o peito, em sinal de respeito, de submissão. O régulo cumprimentado por todos os presentes após o que foi conduzido para uma palmeira especialmente preparada para recepção de régulos. Ali, com a presença de muitas pessoas acorridas a tensão era pesada. O pesado silêncio que ali reinava e a interrogação constante de presentes fazia a vinhar que algo anormal estava passando. O primeiro que falou, para abrandar a sessão, foi o régulo que, completamente alheio à situação, acabou por começar:

— Bem — disse como sabem vim hoje a esta povoação para presidir às cerimónias do casamento do meu filho com a filha do «maudo» Ibraima. Peço que me foi dado vir lá fora — continuei — os festejos foram bem preparados e muita gente vinda de vários pontos do regulado, o que bastante animador e encorajante. Estou satisfeito — prosseguiu — com todos vós e vejo que o dote de 10 contos que me foi pedido pelo «maudo» Ibraima é insuficiente. Por isso, dou mais 5 contos para se podam alimentar convenientemente o meu povo aqui reunido.

As palavras foram imediatamente precedidas de acção cinco notas de moeda foram depositadas numa tosca mesa de madeira, iluminada por uma baça luz de um candeeiro à petróleo. Com este gesto, a situação piorou. Quem se atreveria receber mais dinheiro sem, em troca, dar Fanta? Quem seria dos presentes aquele

(4) — Veste de grande luxo usado por mulcumanos.

de Carlos Alberto Rodrigues da Silva

que iria dizer ao todo poderoso régulo de que Fanta desaparecera? Como continuar a esconder a realidade dos factos?

Após rápida meditação, trémulo de raiva pelo desrespeitante procedimento da filha, indeciso e vacilante pela maneira como iria justificar o CASAMENTO FALHADO, «maudo» Ibraima sacou do dinheiro e, com voz rouca, só se lhe ouviu dizer:

— Atchu Ake (5).

E saíu.

Lá fora, juntou os «djídius» e entregou-lhes as cinco notas de mil, explicando-lhes de que tinha sido um donativo do régulo que ficara muito satisfeito com todos pelo grande brilho que vinham dando à festa. Fora breve no falar. Com passadas incertas, mas decidido, e sem que ninguém desse conta, confundindo-se, portanto, com a noite, «maudo» Ibraima entrou na sua palhota. No interior, só o filho de 3 anos dormia, indiferente ao barulho infernal dos festejantes. Pegou da sua longa (6), colocou sob o percursor uma pequena porção de pólvora embrulhada num plástico, baixou o cão com cuidado e saíu. Evitou as dezenas de fogueiras que ainda crepitavam e embrenhou-se na mata. Sózinho, pensou que a acção que ia praticar, seria o único caminho que lhe conduziria até Fanta! Pois que, ela, evaporada, devia neste momento estar junto do «Alá» (7), confessando. Um estampido surdo interrompeu as reflexões erradas do «maudo» Ibraima que, inerte, banhado em sangue, jazia por terra sem vida. Suicidara-se.

O régulo, impaciente e aborrecido, vinha aguardando a hora em que sua já quase nora apareceria a seus pés, de joelhos e coberta de lençol branco, para o cerimonial de costume. Um sinal de fadiga e desespero tomara conta dele. Estava sonolento, de tanto esperar. Um ou outro «maudo» que lhe fazia companhia, para quebrar a

(5) — Com licença.

monotonia, dizia qualquer coisa, sem nexos, imperceptível, que escapava a atenção dos outros presentes e mesmo do próprio régulo. Lá fora, o barulho aumentara a tal ponto que ninguém dera pelo tempo decorrido sem a aparição da noiva e nem tão pouco ouviram um tiro de longa disparado a poucos metros deles. O dinhei-

ro que receberam do «maudo» Ibraima, aumentara a algazarra e o ânimo, também.

O régulo, cada vez mais impaciente, rompeu o silêncio, como já era de esperar:

— Chamai o «maudo» Ibraima. A noite já vai alta e tenho que regressar. Todos os presentes se levantaram ao mesmo tempo, como que impelidos por uma só mola e saíram à procura da pessoa cuja presença tinha sido pedida pelo régulo. Todos os componentes da festa foram inquiridos e ninguém sabia dele e de nada. Tudo era mistério! Mistério sobre Fanta! Mistério sobre o pai de Fanta! Mistério na tabanca de Sintchã.

Tudo parou de repente quando se conheceu o drama do CASAMENTO FALHADO. Nem o ruído do tambor menos aquecido, nem o ritmo de uma rabeca menos afinada se ouvia. Tudo era silêncio, silêncio supulcral, desde que chegou ao conhecimento dos festejantes a notícia de que Fanta desaparecera e, com ela, «maudo» Ibraima também.

Um elemento anónimo correu a informar o régulo do sucedido. Do casamento falhado. Do desaparecimento do Ibraima. Do dinheiro distribuído aos «djídius». Enfim em traço largo, pôs o régulo ao corrente da situação, sem nada omitir.

Uma ira de morte se apoderou do régulo. Sentiu-se diminuído, ultrajado e escarnecido. Um suor frio descia-lhe sobre as faces negras com

grande efeito, das grandes asas dos abutres. Era «maudo» barba por fazer. Os olhos vermelhos, pareciam deitar fogo. Todos sabiam que o seu estado de fúria atingira o ponto máximo. E iria explodir!

— Chamai o chefe da tabanca — vociferou!

Este não se demorou a aparecer. Aliás, estava ao pé dele.

Abibo, julgando-se vitorioso, acendera de novo o cachimbo, num gesto lento e pensativo.

Gritou em vez de falar:

— Antes que amanha quero à minha frente e na minha povoação, a presença de Ibraima sob pena de, sobre ti, tua família e esta tabanca, caírem os meus maiores castigos.

Acto contínuo, desaparecia na escuridão, não a trote e acompanhado como tinha vindo, mas a galope e só, pois, sentindo-se diminuído, dispensava tais honras!

Fanta havia deambulado muito desde que deixara a povoação de Áfia. Fome e sede começavam a apertar-lhe. Mas, quando tinha a convicção de que fugira do casamento forçado, redobrou-se de ânimo e de energia. A mente de Fanta estava repleta de ideias, decisões e projectos. Pensava, por exemplo, poder atingir a fronteira da República do Senegal e ali viver, no anonimato, o resto dos seus dias. De outra vez ocorreria-lhe que, a melhor coisa que poderia fazer, seria apresentar-se ao régulo, pedir-lhe desculpas e explicar-lhe a razão da sua atitude. Pensava, também, certa vez, pôr termo à vida. Enfim, era assim a mente de Fanta, atribulada e confusa!

Com passadas largas lá ia Fanta suportando o grande peso que fora obrigada a carregar. A meio da noite, chegou a uma localidade que a deixou deslumbrada, com tanta luz e muito movimento de peões e alguns veículos automóveis. Hesitou. Não queria entrar com medo de

(6) — Espingarda de carregar pela boca.

ser chamada vadia, fugitiva e, de mais a mais, numa terra que não conhecia. ou melhor, não podia precisar qual era, de momento.

Encostada a uma árvore, coberta por uma penumbra, ia presenciando o movimento. Algumas pessoas que por ela passaram perto, em animada conversa, fizeram-lhe saber, pelo dialecto, que ali era

terra de fulas. Terra de seus parentes. Estremeceu ao falar de parentes, pois lembrou-se de imediato do seu tio Abibo, do pote que deixara na fonte naquela linda manhã... mas depois manhã cinzenta, macabra...

Em Sintchã, onde a festa terminara e se tinham começado os preparativos para o regresso, já não crepitavam as fogueiras por falta de fogueiros para alimentar a combustão. Alguns elementos participantes da festa já se tinham posto em marcha, de regresso às suas tabancas cansados e tristes. Toda a azáfama que se verificava agora, em Sintchã, se resumia em arrumos e despedidas. Dentro de momentos Sintchã mergulharia na sua habitual monotonia. Apenas o chefe de tabanca continuaria a braços num beco sem

Fanta desaparecera. Um elemento anónimo correu a informar o régulo do casamento falhado.

saída, para dar cumprimento às ordens que recebera do régulo. Sim. Onde estaria Ibraima? E Fanta?

Quanto ao primeiro, foi logo descoberto. Algumas pessoas que abandonaram Sintchã com destino às suas tabancas, descobriram não muito longe do local donde partiram, um corpo sem vida e intensamente coberto e sobrevoado por abutres. Com a aproximação das pessoas levantou-se uma nuvem grande de pó, proveniente do bater cadenciado mas de

(7) — Deus, Senhor Omnipotente.

Ibraima. Ainda se reconhecia embora já num estado adiantado de putrefacção. A sua «longa» facilitou a identificação do cadáver. Os abutres, privados do banquete gratuito, continuavam sobrevoando em círculos cada vez mais fechados, assustando os presentes.

Avisado sobre o sucedido, apareceu, lesto, o chefe da tabanca de Sintchã que, em vez de triste, se mostrou alegre e triunfante só pelo facto de se ver desembaraçado da tirania do régulo. Mandou imediatamente remover o cadáver para a povoação e daí, sem demora, improvisou uma maca com canas de bambú e fez transportar o corpo para a tabanca do régulo. Em chegando, mandou depositar o corpo no chão e disse:

— Ei-lo «Lamudó» (8)! As tuas ordens estão cumpridas.

O régulo mandou descobrir o cadáver e tendo-o identificado, resmungou quase imperceptivelmente:

— As nossas contas estão saldadas. Procedei de conformidade com o uso muçulmano — rematou. E desapareceu.

«Maudu» Ibraima jaz hoje numa pequena mata junto da palhota que lhe serviu de habitação e, certamente, muito arrependido por não ter encontrado, como supunha, sua filha, junto do Alá,

interceptou alguém para saber em que terra se encontrava. Fora informada de que a localidade era Gabú. Gabú-Sara. Terra de fulas. Corrou-se de vergonha, porque em tempos já ali tinha estado com seus pais em visita a pessoas de família. Tinha que retroceder e já, pois, era demasiado conhecida no Gabú. Mas para onde seguir agora? Indecisa, abandonou as luzes, o alcatroado e embrenhou-se de novo na mata. Sem destino, como sempre, mas agora bem mentalizada de maneira como pôr termo ao seu sofrimento.

Andava depressa para mais de pressa se afastar de Gabú. Era já noite cerrada. Resolveu subir a uma árvore para dormir um pouco, como habitualmente. Quando acordou ainda era cedo. Pôs-se de novo a caminho. Fanta tinha fome, muito embora fosse alimentando de alguns frutos silvestres. Sol e suor tinham roubado cores às suas vestes. Estava desanimada e arruinada!

EPILOGO

Caira, entretanto, na região onde Fanta se encontrava, uma praga de moscas tsé-tsé. Começaram por dizimar os animais e, depois, as pessoas, as quais morriam numa apatia, numa indiferença total, após fases de

sono profundo e insónia completa.

Fanta, completamente indefesa, não escapara à epidemia. Expirou em cima de um pequeno monte coberto de ervas secas. Fora encontrada, dias depois, rodeada de baga-baga saída dos formigueiros, petiscando-lhe as flácidas pês e dos fúnebres abutres que lhe assentavam no rosto cruéis bicadas.

Uma mão caridosa, anónima, sepultara os restos de FANTA, agora vítima muda e inocente de um drama consumado — o drama do CASAMENTO FALHADO

(8) — Régulo, soberano.

Costumes e tradições na Guiné-Bissau

A CRIAÇÃO DO MUNDO

Deus criou Adama. Este, sentindo-se só pediu a Deus uma companheira. Deus, querendo satisfazê-lo adormeceu num sono profundo, tirou-lhe uma costela e criou Aua. Ainda a dormir, Deus comunicou-lhe que ele já tinha companheira. Então ele acordou, abriu os olhos e não vendo ninguém saiu à procura da companheira do sonho.

Os habitantes de Cassacá professam várias religiões. A maioria das tribos é muçulmana, há Balantas animistas e os Nalus, embora convertidos ao Islão, guardam ainda parte dos seus antigos ritos.

deste tanto tempo se eu estava aqui à tua espera?» — perguntou ela.

Enfim, juntos, foram para o lugar que Deus lhes destinara. Ali tiveram três meninos: Tule, Sarate e Marata, e por

vo, quem primeiro acordou e se banhou. Quando acabou de se banhar viu que estava branco; é ele a origem de todos os brancos. Em seguida, Sarate acordou e foi também banhar-se, mas quando acabou estava

Mas para todos eles, o domínio de Deus é a explicação para muitos fenómenos e doenças. Primeiro, vamos falar da religião muçulmana e das suas crenças.

Tule casou-se com a sua irmã Malado e tiveram dois filhos gémeos, um menino e uma menina.

Assim se foram casando entre eles. Mas um dia apareceram os primeiros conflitos raciais. Os pais que tinham filhos brancos, não deixavam que eles se casassem com os seus parentes pretos. Estes conflitos agravaram-se de tal maneira que levaram Amam a matar Gábila.

«Que fazer de Gábila?» — perguntou-se Amam. Pensou, pensou, e como não encontrasse outro meio, resolveu carregá-lo para todo o lado onde fosse até que viu um pássaro (ganga) a fazer um buraco para enterrar o seu companheiro. Então ele pousou Gábila, abriu um buraco e enterrou-o. Foi desde

ai que os homens começaram a enterrar os seus mortos.

Um dia, Adama teve dores de cabeça mas não sabia o que fazer para melhorar. Mohamad, sabendo, veio e curou-o mas pediu-lhe uma recompensa. Adama pegou em três pedrinhas, deu-lhes e disse-lhe para que as sequeasse na época das chuvas.

Chegando a época das chuvas, Mohamad pegou nas pedrinhas, abriu três buracos e pôs uma pedrinha em cada um. Depois foi buscar leite de camela, ao que se supõe, regou-as, cobriu-as de terra e foi-se embora.

Passado algum tempo, voltou e reparou que dos lugares onde tinha posto as pedrinhas saíam três plantinhas diferentes: uma era o mi-

lho, a outra mancarra e a outra mandioca.

Adama ainda não estava contente e pediu a Deus um animal. Deus disse-lhe que lho daria mas que ele tinha que ir à fonte levando consigo uma tigela e que, ao regressar da fonte, deveria bater com um pauzinho na tigela sem olhar para trás.

Adama assim fez, mas apercebeu-se de que muitos animais saíam da fonte, teve medo e olhou para trás. Muitos deles voltaram para a água e lá ficaram. Dos que restaram, Adama também achou que eram muitos, e resolveu deixar alguns no mato.

Isto explica a existência actual dos animais aquáticos, selvagens e domésticos.

Deus fez algumas leis a que todos deveriam obedecer. Uma delas era a proibição da pesca ao sábado. Alguns desobedeceram a esta lei e foram pescar. Então Deus para castigo transformou-os em macacos e correram para o mato.

(In «Bombolon» — Nov. 1978)



Sete anos a buscou sem a encontrar, até que um dia...

Um dia avistou-a lá longe e ela virou-lhe as costas, mas ele veio caminhando até ela para lhe dizer o quanto a tinha procurado.

— «Como é que per-

fim uma menina, Malado.

O tempo passou e um dia Adama ordenou ao seu filho mais velho — Tule — que se levantasse de manhã cedo e fosse tomar banho na fonte. Tule adormeceu e foi Marate, o mais no-

um pouco escuro; foi dele que descenderam os árabes. Por fim Tule, que dormiu muito, acordou e lembrando-se do que o pai lhe tinha dito saiu a correr para tomar banho, mas quando acabou estava preto. É dele que vieram todos os pretos.

Um poema podre

Um poema podre
Como a paz dos meus olhos
Como a carne do meu corpo
Como o silêncio do meu peito
Como a palavra proibida

Um poema recheado de frustrações
De homens soterrados no indefinido
De homens retirados do dia a dia
À guarda de falsas sobras

Um poema sem passado
Um poema sem futuro
Colhido no Portozinho de Cubumba
Quando canoas e canoas
Carregadas de Peixe coloriam os olhos

Um poema real
É meu retrato falante
Disforme como os dedos da minha mão
Complexo como o meio que me gerou
Explorado como as horas dos meus dias

Meu poema real
É um poema ulceroso
É um poema faminto
É um casulo podrido...

Bedanda, 1/1/1973 — Jaime Gilberto Gonçalves King
(Joe King)

Um material de construção a baixo preço

Na Grã-Bretanha, o Instituto de produtos tropicais criou uma fábrica de materiais de construção polivalentes, baratos e bem adaptados às necessidades de países em desenvolvimento, noticia a FAO através da sua revista «Cérès». A fábrica é concebida para uma mão-de-obra abundante.

Trata-se de uma pequena unidade de produção de painéis de cimento-palha de madeira para substituir os materiais de construção actualmente importados por numerosos países em desenvolvimento. Os painéis de cimento-palha de madeira são utilizados na construção de escolas, edifícios públicos e habitações sociais, sector da engenharia civil ou uma boa isolamento e insonorização, materiais ignífugos, bem como os seus cus-

tos são de interesse público.

Estes painéis são feitos de farpas de madeira e impregnados de uma solução de cloreto de cálcio que neutraliza a acção dos sucos naturais da madeira que impedem o cimento de se fixar. A palha de madeira é então atravessada numa centrifugadora que elimina o excedente de solução, e colocada depois numa cuba onde é misturada com cimento líquido. A mistura é depois vertida para moldes onde será prensada e endurecida.

Os painéis podem ser fabricados com diferentes dimensões e espessuras. Podem ser utilizados para tectos e coberturas, como para revestimentos ou tabiques. A palha de madeira assim tratada transforma-se num material de construção li-

geiro que apresenta numerosas vantagens nos países quentes; assegura, por exemplo, um bom isolamento térmico. Assim, os painéis de cimento-palha de madeira de 5 centímetros de espessura têm um poder isolante equivalente a uma espessura de tijolos de cerca de 32,5cm. Também é um bom isolante acústico, resistente à humidade e à «Baga-baga».

Trata-se de um material de construção largamente utilizado na indústria de construção de muitos países industriais que poderá ser fabricada nos próprios países em desenvolvimento. As máquinas são reduzidas ao mínimo e uma boa parte dos equipamentos será construída no próprio país.

No entanto, este projecto não convém for-

çosamente a todas as regiões.

As matérias-primas empregues pela fábrica são o cimento ordinário, água, produtos químicos e madeira. Geralmente, é fácil conseguir o cimento. A água deve ser apropriada, não necessariamente potável, mas terá que haver em abundância. Poder-se-ão utilizar diversos produtos químicos; os mais utilizados são o cloreto de cálcio e o silicato de sódio, e o cloreto de magnésio. Mas pode ser a madeira a levantar problemas. Efectivamente, será necessário madeira redonda e tenra em quantidade suficiente para obter toros de 50 cm de comprimento e de pelo menos, 10 cm de diâmetro, e é recomendável submeter a madeira a rigorosos testes laboratoriais antes de se lançar no projecto.

mento



a população oferece batata doce e óleo de palma ao
o aumento considerável da produção local

arroz, em troca de coco-
note ou óleo de palma.
A questão, levantada
particularmente pela
população de Campada
e de Cacheu, mereceu
um esclarecimento dos
responsáveis regionais,
que vêem nisso a única
forma de evitar a saída
de produtos para as
fronteiras.

Assim, o camarada
Luís Pereira Júnior,
responsável da Socomin
na região, explicou que
paralelamente à reme-
sa de arroz destinada à
venda ao público, uma
parte é reservada para
troca directa, o que já
demonstrou resultados
positivos. Segundo
aquele responsável, es-
te ano aquela empresa
conseguiu recolher
maior quantidade de
óleo de palma, que era
evacuada na sua mai-
oria para o Senegal. No
caso da mancarra, infor-
mou que mais de um
terço da produção é co-
mercializado naquele
país, o mesmo aconte-
cendo com o coconote.

O Primeiro-Ministro
chamou, no entanto, a
atenção dos responsá-
veis regionais para a
necessidade de encon-
trarem uma melhor
forma de distribuição
das mercadorias,
se o processo em si fa-
cilita a recolha, dos nos-
sos produtos, por outro
lado tem o seu inconven-
iente, uma vez que
nem todos dispõem de
produtos para fazer a
troca directa.

BENEFICIAR PRIMEIRO O CAMPONES

A política do Gover-
no, segundo o camarada
Victor Saúde Maria, de-
ve orientar-se no senti-

do de beneficiar em pri-
meiro lugar o campone-
s, força motora do
nosso desenvolvimento.
«O Governo tem a pre-
ocupação de servir a to-
do o cidadão, mas a
nossa atenção deve ir
particularmente para o
homem do campo, aque-
le que produz a nossa
maior riqueza e que
exige pouco do Gover-
no» disse o camarada
Primeiro-Ministro.

Ao fazer a análise da
vida nos centros ur-
bancos, o Chefe do Go-
verno afirmou que veri-
fica-se cada vez maior
concentração nas cida-
des, portanto, a existên-
cia de uma camada que
não produz e que em
contrapartida exige ca-
da vez mais do Gover-
no. «Vamos preocupar-
nos em servir a todos,
apoiar a todos os que
pretendem trabalhar
para o bem-estar desta
terra. Mas a nossa pri-
meira atenção, tudo o
que tivermos do mel-
hor terá que beneficiar
em primeiro lugar o cam-
ponês, os nossos lavra-
dores das tabancas,
aqueles que trabalham
para o avanço deste
país», concluiu o Pri-
meiro-Ministro.

Respondendo ao pe-
dido de um camponês
de S. Domingos no sen-
tido da criação de uma
cooperativa que, segun-
do ele, facilitaria a
aquisição de mercadorias
e material de traba-
lho, Victor Saúde
Maria, embora não re-
jeitando a ideia, afirmou
no entanto que o Gover-
no terá que encontrar
uma alternativa para o
Comércio, de forma a
cumprir o seu papel de
impulsionador do cam-
ponês.

Matrículas 82/83:

Maior número de beneficiados

O Conselho de Minis-
tros, na sessão ordiná-
ria de quarta-feira, de-
bruçou-se sobre a situa-
ção de alguns liceus do
País no próximo ano
lectivo, face às matricu-
las de novo ingresso, de
acordo com uma exposi-
ção feita pelo ministro
da Educação Nacional,
camarada Avito José da
Silva, com base nas es-
timativas reunidas num
documento.

O relatório apresenta-
do pelo titular da pasta
da Educação, e ao qual
tivemos acesso, permite
constatar o superpovo-
amento dos estabeleci-
mentos liceais, devido à
explosão, cada vez mais
relevante, da população
estudantil em contraste
com a capacidade de ab-
sorção das nossas infra-
estruturas.

Com base nas previ-
sões para o próximo ano
lectivo, — como refere o
documento — cerca de
3 mil e 800 alunos (nú-
mero correspondente a
95 turmas) ficariam de
fora e mesmo sem po-
derem frequentar os
Cursos Nocturnos. Isso,
tendo em conta que as
estruturas do Liceu Na-
cional Kwame N'Krumah
comportam um máximo
de 96 turmas, funcio-
nando 3 em regime am-
bulante, aproveitando-
se as vagas deixadas
pelas turmas de Traba-
lho Produtivo, como
aliás se verificou, duran-

te o ano lectivo anterior.

O documento recorda
que no ano lectivo
81/82, o Curso Geral (de
sétima à nona classe)
operou com um total de
96 turmas. Apenas 568
finalizaram a nona clas-
se, ou seja 73,28 por-
cento de aprovações. Pe-
rante isto, e conforme os
dados considerados que
prevêem a existência de
90 turmas de alunos já
inscritos, incluindo rep-
etentes da sétima, oit-
ava e nona classes, o no-
vo ingresso na sétima
classe ficaria limitado
para os alunos que con-
cluíram a sexta classe
no sector autónomo de
Bissau.

Estimava-se que 906
alunos (23 turmas) com
idades compreendidas
entre 14 e 17 anos po-
diam, este ano, ficar
sem estudar mesmo nos
Cursos Nocturnos. Ha-
vendo ainda 669 candi-
datos de mais de 17 anos
(17 turmas) que ficariam
logicamente de fora.

Quanto ao Curso
Complementar Normal
que, de acordo com o
relatório, funcionou em
péssimas condições nas
instalações da Unidade
Escolar «23 de Janeiro»
e ao Paralelo, que tam-
bém operou, nas condi-
ções análogas, no ex-
-Lar Masculino, pre-
via-se que 542 alunos
dentre 17 e 19 anos pu-
dessem não obter a ma-
trícula na décima clas-

se. Havendo ainda candi-
datos de mais de 17 anos
em número de 209 que
poderiam ficar privados
de ingresso.

Relativamente aos li-
ceus do interior, é de
salientar que também se
assiste a uma subida
galopante de alunos,
tanto que as estruturas
não poderão conter al-
guns.

No Liceu Regional
Hoji Ya Henda de Ba-
fatá, 116 entre 14 e 17
anos podem neste pró-
ximo ano lectivo ficar
impossibilitados de in-
gressar na sétima clas-
se, além de 45 candi-
datos com mais de 17 anos
que também conhecerão
a mesma situação.

No Liceu Regional
Hô Chi Minh de Can-
chungo estima-se que
402 (14 e 17 anos) não
conseguirão estudar e
mais 182 com idade su-
perior a 17 anos encon-
trar-se-ão na mesma si-
tuação.

Em Mansôa, o Liceu
local acolherá todos os
alunos que terminaram
a sexta classe. Enquanto
81 com mais de 17 anos
ficarão privados de es-
tudiar.

SOLUÇÕES DO GOVERNO

De referir que no do-
cumento está contido
um conjunto de propos-
tas do Departamento do
Ensino Secundário para
procurar atenuar este

problema, propostas es-
sas que mereceram con-
sideração superior, ten-
do o Conselho de Minis-
tros optado pela quarta
alternativa que consiste
em fazer funcionar o Li-
ceu Nacional Kwame
N'krumah do seguinte
modo: Curso Geral com
138 turmas, no edifício
do Liceu e nas estrutu-
ras do ex-Lar Masculi-
no; Décima Classe com
17 turmas, no edifício
das Farp (17 salas). Dé-
cima primeira classe
com 21 turmas, na ac-
tual escola de Direito
que passaria a funcionar
no bloco G2 do «Liceu
Novo».

Com adopção desta
quarta alternativa fica-
rão de fora da matricu-
la 15 turmas, isto é, cer-
ca de 600 alunos candi-
datos à frequência do
Curso Complementar
(Décima a décima pri-
meira classes), o que re-
sultaria em benefício
dos cursos médios em
funcionamento no país.

Quanto aos liceus do
interior do país optou-
-se por manter a actual
situação e limitar a en-
trada de candidatos à
frequência do Curso Ge-
ral, dando tempo para
a concretização das
perspectivas de constru-
ção de novos liceus em
Canchungo, Gabú e Fa-
rim, no quadro de um
projecto cubano.

Dia Mundial da Paz

Paz entre os homens, paz entre países cuja sobre-
vivência depende do único Planeta que temos, paz em
todo o mundo, em benefício do progresso da Huma-
nidade. É a mensagem do 1 de Setembro, Dia Mun-
dial da Paz. Na Guiné-Bissau, o nosso povo não po-
deria deixar de acatar este apelo e, pelo motivo, assina-
lou a data com uma manifestação a favor da paz. O
acto foi marcado por um comício efectuado ao fim da
tarde de quarta-feira, no Secretariado-Geral do P.A.
I.G.C., em Bissau, sob a presidência do camarada
Francisco da Silva (Chico Bá), Secretário do Comité
Central do Partido para as Relações Externas. A ini-
ciativa foi promovida pelo Comité Juvenil de Solida-
riedade.

«Nunca é demais associarmos a nossa voz às dos
homens honestos que reconheceram o nosso direito
de amar o nosso planeta, na medida em que só nas
condições de paz pode haver progresso, liberdade e
avanço de toda a Humanidade» — afirmou, na ocasião,
Francisco da Silva.

A paz mundial não é só possível pelo desejo dos
povos de viverem nela. Enquanto continuarem a corrida
aos armamentos nucleares de grande destruição, o
mundo corre riscos de enfrentar uma guerra atómica
de extermínio. E enquanto outros povos continuarem
dominados a paz será ameaçada. É nesta base que o
principal orador desta jornada, ao manifestar primei-
ro o nosso apoio sem reservas aos povos em luta, no-
meadamente da Namíbia, da Palestina, do Líbano e do
Sahara, sublinharia a preocupação comum de que a
situação de tensão que se vive actualmente no mundo
pode conduzir a uma confrontação mundial.

Aquele dirigente do Partido concluiu o seu dis-
curso de improviso lançando um vibrante apelo aos
jovens no sentido de prosseguirem a luta pela paz
mundial.

Por outro lado, no decorrer desta manifestação
política de luta contra a corrida armamentista das po-

tências internacionais, intervieram, igualmente, os re-
presentantes das organizações de massas, nomeada-
mente da Juventude Africana Amílcar Cabral, da Co-
missão Nacional das Mulheres e da UNTG.

Nas suas palavras, os intervenientes exprimiram
a sua viva condenação às práticas desumanas perpe-
tradas pelo imperialismo e potências agressoras contra
os povos em luta, nos diversos quadrantes do mundo.

Saliente-se que a cerimónia de 1 de Setembro
contou com presenças dos camaradas Marcelino Men-
des Moreira do Comité Central e Adolfo Julião de
Bafros, responsável pelas organizações de massa no
Sector Autónomo de Bissau. Assistiram ainda ao acto
representantes das embaixadas de Cuba, da RDA e da
União Soviética. A exibição de um filme alusivo à Se-
gunda Guerra Mundial encerrou o programa dessa
jornada de solidariedade.



Dirigentes do Benfica e da UDIB

"A Federação deve ser autónoma"

Na sequência das entrevistas já inseridas em edições anteriores, em que vieram ao público as tomadas de posição de dois presidentes das Comissões afectas à Federação Nacional de Futebol — a Comissão Central de Árbitros e o Conselho Técnico — cabe a vez de deter-nos aos clubes. A escolha, como já havia sido especificado, foi dirigida ao Benfica e à UDIB porque dentre os «gigantes» do nosso futebol, os dois clubes pareceram mais vezes nos lugares cimeiros à disputa do título. Assim, às questões postas verificou-se, da parte dos entrevistados, um denominador comum: uma autonomia para a Federação Nacional de Futebol.

Se da parte encarnada, o balanço foi positivo, os udibistas fazem questão de parcelar as actividades do clube em positivo e negativo porque, como é óbvio, não conseguimos atingir todos os objectivos almejados.

Os nossos entrevistados, Telmo de Sousa Mendes, Presidente da Direcção do Benfica e Carlos Gomes Júnior, Vice-presidente da Direcção e presidente do Conselho Técnico da UDIB.

NP. — No campeonato nacional que findou, o clube teve certas dificuldades e, obviamente as barreiras foram ultrapassadas. Feitas as contas, parcialmente o clube teve um saldo positivo ou negativo?

Telmo S. Mendes — «Consideramos positivo tanto no aspecto futebolístico como administrativo, visto que conseguimos sagrar-nos campeão e pagar as despesas de funcionamento sem saldo negativo que transitasse para a nova época. As receitas, embora não volumosas, foram boas e cobriram as despesas. Houve melhor controle da FNF sobre as receitas dos jogos e pagamento aos clubes».

Carlos Gomes Júnior — «O clube teve um saldo positivo no que concerne à experiência ganha pelo novo elenco directivo. Negativo, como é óbvio, não conseguimos atingir todos os objectivos almejados. No aspecto financeiro, como é do conhecimento geral, ultimamente o clube tem vivido uma grande crise financeira, que não é fácil superar neste curto período de gestão do novo elenco directivo. Todavia, graças a um espírito de entreatada colectiva, as coisas têm vindo a melhorar gradualmente».

«HOUE INJUSTIÇAS...»

NP. — Desta conjuntura, a equipa esteve ou foi lesada? Um exemplo?

Telmo S. Mendes — «A equipa sofreu injustiças no que refere às sanções aplicadas pelo Conselho Disciplinar em relação às outras equipas. Caso concreto os castigos aplicados aos jogadores Beto, Lamine, Rui, Ninã, Lebre etc. Penas máximas. As outras equipas apanham mínimas. Sentimos lesados devido a disparidade dos critérios adoptados em relação às sanções aplicadas a UDIB, caso concreto no seu jogo com Ajuda e tudo isso reflectiu na nossa equipa pois que podíamos chegar com dois pontos em relação à UDIB mas somente conseguimos chegar no final do campeonato com um ponto devido a repetição do jogo».

Carlos Gomes Júnior — «A equipa não manteve o ritmo. Houve uma certa quebra devido a casos de lesão de algumas pedras basilares. Mas, também devemos reparar que durante o interregno algumas equipas aproveitaram esse período para rectificar os erros que estavam cometendo, caso do próprio Benfica que na

segunda volta apresentou uma outra estrutura totalmente diferente. Houve muita gente que me criticou por ter mantido o treinador de frente da equipa. Eu poderia contratar um conceituado técnico para dirigir a equipa, mas dentro de muitas opções preferencialmente escolhi Abraão e Domingos Cá. Estes dois técnicos são filhos da UDIB, e ninguém como eles pode dar a melhor garantia de um trabalho sério. Tiveram falhas mas este ano devido à sua inexperiência, mas tenho a esperança que as coisas melhorarão».

central de árbitros e da própria Federação Nacional de Futebol. Há muita gente que me criticou por ter mantido o treinador de frente da equipa. Eu poderia contratar um conceituado técnico para dirigir a equipa, mas dentro de muitas opções preferencialmente escolhi Abraão e Domingos Cá. Estes dois técnicos são filhos da UDIB, e ninguém como eles pode dar a melhor garantia de um trabalho sério. Tiveram falhas mas este ano devido à sua inexperiência, mas tenho a esperança que as coisas melhorarão».

central de árbitros e da própria Federação Nacional de Futebol. Há muita gente que me criticou por ter mantido o treinador de frente da equipa. Eu poderia contratar um conceituado técnico para dirigir a equipa, mas dentro de muitas opções preferencialmente escolhi Abraão e Domingos Cá. Estes dois técnicos são filhos da UDIB, e ninguém como eles pode dar a melhor garantia de um trabalho sério. Tiveram falhas mas este ano devido à sua inexperiência, mas tenho a esperança que as coisas melhorarão».

NP. — Sugestões...

Carlos Gomes Júnior — «A Federação Nacional deve ser um organismo autónomo porque senão haverá sempre divergências de atribuições vis a vis a própria Secretaria de Estado da Juventude e Desporto. Portanto, tem que ser revista a situação actual».

NP. — NÃO SERVIRÃO DE NADA OS ESTÁGIOS SE...»

NP. — A arbitragem. Uma palavra?

Telmo S. Mendes — «A arbitragem tem tido os seus altos e baixos. Boas e más arbitragens que reflectiram nos resultados das equipas. Benfica, no cômputo geral, não foi altamente prejudicado. Houve falhas em determinar os jogos. Os árbitros estão sujeitos a falhar como homens que são. Devemos considerar as condições em que actua. Podem melhorar com reciclagem e cursos de superação. Saídas para o estrangeiro e trocas de experiência».

NP. — Camarada Telmo, os árbitros são acusados de serem benfiquistas...

Telmo S. Mendes — «Não somos prejudicados por os árbitros serem benfiquistas. Para mim são homens idóneos. Já se sabe que o clubismo leva muita gente a fazer afirmações que não correspondem à realidade».

Carlos Gomes Júnior — «Julgo que a tarefa primordial da Comissão

Central de Árbitros e da própria Federação Nacional de Futebol. Há muita gente que me criticou por ter mantido o treinador de frente da equipa. Eu poderia contratar um conceituado técnico para dirigir a equipa, mas dentro de muitas opções preferencialmente escolhi Abraão e Domingos Cá. Estes dois técnicos são filhos da UDIB, e ninguém como eles pode dar a melhor garantia de um trabalho sério. Tiveram falhas mas este ano devido à sua inexperiência, mas tenho a esperança que as coisas melhorarão».

central de árbitros e da própria Federação Nacional de Futebol. Há muita gente que me criticou por ter mantido o treinador de frente da equipa. Eu poderia contratar um conceituado técnico para dirigir a equipa, mas dentro de muitas opções preferencialmente escolhi Abraão e Domingos Cá. Estes dois técnicos são filhos da UDIB, e ninguém como eles pode dar a melhor garantia de um trabalho sério. Tiveram falhas mas este ano devido à sua inexperiência, mas tenho a esperança que as coisas melhorarão».

central de árbitros e da própria Federação Nacional de Futebol. Há muita gente que me criticou por ter mantido o treinador de frente da equipa. Eu poderia contratar um conceituado técnico para dirigir a equipa, mas dentro de muitas opções preferencialmente escolhi Abraão e Domingos Cá. Estes dois técnicos são filhos da UDIB, e ninguém como eles pode dar a melhor garantia de um trabalho sério. Tiveram falhas mas este ano devido à sua inexperiência, mas tenho a esperança que as coisas melhorarão».

NP. — Sugestões...

Carlos Gomes Júnior — «A Federação Nacional deve ser um organismo autónomo porque senão haverá sempre divergências de atribuições vis a vis a própria Secretaria de Estado da Juventude e Desporto. Portanto, tem que ser revista a situação actual».

NP. — NÃO SERVIRÃO DE NADA OS ESTÁGIOS SE...»

NP. — A arbitragem. Uma palavra?

Telmo S. Mendes — «A arbitragem tem tido os seus altos e baixos. Boas e más arbitragens que reflectiram nos resultados das equipas. Benfica, no cômputo geral, não foi altamente prejudicado. Houve falhas em determinar os jogos. Os árbitros estão sujeitos a falhar como homens que são. Devemos considerar as condições em que actua. Podem melhorar com reciclagem e cursos de superação. Saídas para o estrangeiro e trocas de experiência».

NP. — Camarada Telmo, os árbitros são acusados de serem benfiquistas...

Telmo S. Mendes — «Não somos prejudicados por os árbitros serem benfiquistas. Para mim são homens idóneos. Já se sabe que o clubismo leva muita gente a fazer afirmações que não correspondem à realidade».

Carlos Gomes Júnior — «Julgo que a tarefa primordial da Comissão

NP. — Sugestões...

Carlos Gomes Júnior — «A Federação Nacional deve ser um organismo autónomo porque senão haverá sempre divergências de atribuições vis a vis a própria Secretaria de Estado da Juventude e Desporto. Portanto, tem que ser revista a situação actual».

NP. — NÃO SERVIRÃO DE NADA OS ESTÁGIOS SE...»

NP. — A arbitragem. Uma palavra?

Telmo S. Mendes — «A arbitragem tem tido os seus altos e baixos. Boas e más arbitragens que reflectiram nos resultados das equipas. Benfica, no cômputo geral, não foi altamente prejudicado. Houve falhas em determinar os jogos. Os árbitros estão sujeitos a falhar como homens que são. Devemos considerar as condições em que actua. Podem melhorar com reciclagem e cursos de superação. Saídas para o estrangeiro e trocas de experiência».

NP. — Camarada Telmo, os árbitros são acusados de serem benfiquistas...

Telmo S. Mendes — «Não somos prejudicados por os árbitros serem benfiquistas. Para mim são homens idóneos. Já se sabe que o clubismo leva muita gente a fazer afirmações que não correspondem à realidade».

Carlos Gomes Júnior — «Julgo que a tarefa primordial da Comissão

central de árbitros e da própria Federação Nacional de Futebol. Há muita gente que me criticou por ter mantido o treinador de frente da equipa. Eu poderia contratar um conceituado técnico para dirigir a equipa, mas dentro de muitas opções preferencialmente escolhi Abraão e Domingos Cá. Estes dois técnicos são filhos da UDIB, e ninguém como eles pode dar a melhor garantia de um trabalho sério. Tiveram falhas mas este ano devido à sua inexperiência, mas tenho a esperança que as coisas melhorarão».

central de árbitros e da própria Federação Nacional de Futebol. Há muita gente que me criticou por ter mantido o treinador de frente da equipa. Eu poderia contratar um conceituado técnico para dirigir a equipa, mas dentro de muitas opções preferencialmente escolhi Abraão e Domingos Cá. Estes dois técnicos são filhos da UDIB, e ninguém como eles pode dar a melhor garantia de um trabalho sério. Tiveram falhas mas este ano devido à sua inexperiência, mas tenho a esperança que as coisas melhorarão».

central de árbitros e da própria Federação Nacional de Futebol. Há muita gente que me criticou por ter mantido o treinador de frente da equipa. Eu poderia contratar um conceituado técnico para dirigir a equipa, mas dentro de muitas opções preferencialmente escolhi Abraão e Domingos Cá. Estes dois técnicos são filhos da UDIB, e ninguém como eles pode dar a melhor garantia de um trabalho sério. Tiveram falhas mas este ano devido à sua inexperiência, mas tenho a esperança que as coisas melhorarão».

central de árbitros e da própria Federação Nacional de Futebol. Há muita gente que me criticou por ter mantido o treinador de frente da equipa. Eu poderia contratar um conceituado técnico para dirigir a equipa, mas dentro de muitas opções preferencialmente escolhi Abraão e Domingos Cá. Estes dois técnicos são filhos da UDIB, e ninguém como eles pode dar a melhor garantia de um trabalho sério. Tiveram falhas mas este ano devido à sua inexperiência, mas tenho a esperança que as coisas melhorarão».

central de árbitros e da própria Federação Nacional de Futebol. Há muita gente que me criticou por ter mantido o treinador de frente da equipa. Eu poderia contratar um conceituado técnico para dirigir a equipa, mas dentro de muitas opções preferencialmente escolhi Abraão e Domingos Cá. Estes dois técnicos são filhos da UDIB, e ninguém como eles pode dar a melhor garantia de um trabalho sério. Tiveram falhas mas este ano devido à sua inexperiência, mas tenho a esperança que as coisas melhorarão».

central de árbitros e da própria Federação Nacional de Futebol. Há muita gente que me criticou por ter mantido o treinador de frente da equipa. Eu poderia contratar um conceituado técnico para dirigir a equipa, mas dentro de muitas opções preferencialmente escolhi Abraão e Domingos Cá. Estes dois técnicos são filhos da UDIB, e ninguém como eles pode dar a melhor garantia de um trabalho sério. Tiveram falhas mas este ano devido à sua inexperiência, mas tenho a esperança que as coisas melhorarão».

central de árbitros e da própria Federação Nacional de Futebol. Há muita gente que me criticou por ter mantido o treinador de frente da equipa. Eu poderia contratar um conceituado técnico para dirigir a equipa, mas dentro de muitas opções preferencialmente escolhi Abraão e Domingos Cá. Estes dois técnicos são filhos da UDIB, e ninguém como eles pode dar a melhor garantia de um trabalho sério. Tiveram falhas mas este ano devido à sua inexperiência, mas tenho a esperança que as coisas melhorarão».

central de árbitros e da própria Federação Nacional de Futebol. Há muita gente que me criticou por ter mantido o treinador de frente da equipa. Eu poderia contratar um conceituado técnico para dirigir a equipa, mas dentro de muitas opções preferencialmente escolhi Abraão e Domingos Cá. Estes dois técnicos são filhos da UDIB, e ninguém como eles pode dar a melhor garantia de um trabalho sério. Tiveram falhas mas este ano devido à sua inexperiência, mas tenho a esperança que as coisas melhorarão».

Anúncios

Um Laboratório ao seu dispôr, equipado com material moderno, e para todo o tipo de análises, com pessoal qualificado e com grande experiência em análises de doenças tropicais.
Rua do Figueiredo, 2
— (A calçada do Galvão)
telefone: 648740.

LISBOA
AGRADECIMENTO
Celeste Costa, Luís António Costa, mãe irmãos e todos os familiares, na impossibilidade de o fazerem pessoalmente, manifestam, por este meio, o seu profundo agradecimento a todos quantos dignaram acompanhar até a sua última morada, em Canchungo, o seu querido pai e esposo, João Costa, falecido no passado dia 27 de Agosto, no Hospital Santa Maria, em Lisboa.

mente, manifestam, por este meio, o seu profundo agradecimento a todos quantos dignaram acompanhar até a sua última morada, em Canchungo, o seu querido pai e esposo, João Costa, falecido no passado dia 27 de Agosto, no Hospital Santa Maria, em Lisboa.

Nos termos da alínea b) do n.º 1 do Artigo 368.º do Código do Registo Civil, faço saber que Alfredo Augusto Amontão, solteiro, maior, de 21 anos de idade, filho de Augusto Amontão e de Amélia Incanha, natural do Sector de Bula, Região de Cacheu e residente nesta cidade, requere a alteração da composição de seu nome fixado no assento de nascimento para Alfredo Augusto Mango. São por isso convidados todos os interessados incertos a deduzirem a oposição que tiverem no prazo de 30 (trinta) dias a contar da data de publicação deste anúncio no Jornal «Nô Pintcha».

mes, filhos, genros e netos, na impossibilidade de o fazerem pessoalmente, vêm por este meio, agradecer a todos os parentes e amigos que se dignaram apresentar condolências pelo falecimento da sua saudosa esposa, mãe, sogra e avó, ocorrido no passado dia 18 de Agosto.

Da mesma forma, agradecem a Direcção-Geral do Protocolo do Ministério dos Negócios Estrangeiros por toda a colaboração e apoio dado por ocasião da cerimónia fúnebre.

mes, filhos, genros e netos, na impossibilidade de o fazerem pessoalmente, vêm por este meio, agradecer a todos os parentes e amigos que se dignaram apresentar condolências pelo falecimento da sua saudosa esposa, mãe, sogra e avó, ocorrido no passado dia 18 de Agosto.

Da mesma forma, agradecem a Direcção-Geral do Protocolo do Ministério dos Negócios Estrangeiros por toda a colaboração e apoio dado por ocasião da cerimónia fúnebre.

JAAC: Desporto na Semana Nacional da Juventude

A Juventude Africana Amílcar Cabral celebra as duas datas históricas da nossa luta, 12 e 19 de Setembro, com actividades desportivas alusivas à Semana Nacional da Juventude (12 a 19 de Setembro). No entanto, este ano, de 12 a 23, estarão em campo as modalidades de basquetebol, voleibol, andebol, futebol-salão, ciclismo, atletismo e ping-pong.

Esta Semana, organizada todos os anos pelo Departamento Cultural e Desportivo da JAAC, conta com a colaboração da ENEFD. As diversas provas desportivas terão assistência médica, chegando ao ponto desta ser móvel, além de segurança policial — segundo informações recolhidas junto aos organizadores. Por outro lado, decorre, na sede da JAAC, inscrições para as provas de atletismo, ciclismo e ping-pong, tendo sido adquiridas para cada modalidade taças para os primeiros classificados, enquanto os prémios estão destinados aos segundos e terceiros lugares.

A Semana abrirá no dia 12 de Setembro com provas de ciclismo, num

percurso dividido em duas etapas: Nhacra/Safim, com partida às 8 horas, tendo os participantes repouso e almoço em Safim, seguindo-se a segunda etapa — Safim/Bissau — com arranque às 16 horas. O atletismo arrancará no dia 19 de Setembro com corrida pedestre, partida às 16 horas, tendo por circuito o percurso Aeroporto/Bissau e, no dia 24, será a prova de marcha, com início às 18 horas, nas ruas da cidade de Bissau.

Entretanto, as provas desportivas da Semana Nacional da Juventude terminarão só a 24 de Setembro. As partidas de ping-pong realizar-se-ão no salão da UDIB nas classes masculina, feminina e em pares misto. E durante 10 dias de 13 a 23 de Setembro, no pavilhão da UDIB, disputar-se-ão, os jogos de futebol salão com a concorrência das equipas de BNG, SOCOGEL, Seguros, ENEFD, UDIB e Totobola; de basquetebol com a participação das FARP, BNG e UDIB; de voleibol: Guiné-Bissau e equipas das embaixadas de Cuba, RDA e URSS e, por último, de andebol, com as formações da ENEFD, SOCOGEL e BNG.

GHANA

Os estudantes e a Revolução

No Ghana, desde o início da revolução N'Krumista, dirigida por militares jovens, os estudantes tiveram um papel decisivo de apoio às mudanças.

Hoje, que o regime de Jerry Rawlings procura vencer as dificuldades económicas, a classe estudantil constitui igualmente uma importante força mobilizadora, dotada dum grande dinamismo e espírito crítico.

Além de apoiar o regime, também apresenta sugestões. É assim que a União Nacional dos Estudantes Ghanenses convidou o Conselho Nacional da Defesa (Governo) a encorajar e apoiar o desenvolvimento dos Comités Populares da Defesa.

Segundo os estudantes, estes comités devem ser considerados como os novos órgãos do poder político, cujo objectivo principal é o de servir como instrumento político para fazer face às potências imperialistas e aos seus aliados locais.

Espanha: Uma viragem histórica?

As eleições legislativas antecipadas de 28 de Outubro próximo em Espanha poderão constituir uma viragem histórica para o país em caso de uma vitória dos socialistas, cujos dirigentes se encontravam, há apenas sete anos, no exílio, na prisão ou na clandestinidade.

O partido centrista, o UCD (União do Centro Democrático), vencedor em 1977 e 1979 dos dois escrutínios legislativos precedentes do pós-franquismo, conduziu a «transição» durante pouco mais de cinco anos, e fez passar pacificamente a Espanha de um regime autoritário e fortemente centralizado para uma democracia do tipo ocidental dotada de um sistema de autonomias regionais.

O PSOE (Partido Socialista Operário Espanhol), primeira formação da oposição e segundo partido espanhol depois da UCD, foi o principal vencedor das duas últimas eleições regionais de Novembro de 1981 e Maio de 1982, em que se viu a derrota da UCD na Galiza e Andaluzia.

Sem adversário sério tanto à esquerda como à direita, por causa da profunda crise no seio do Partido Comunista e da divisão na UCD, o PSOE deverá portanto, conforme todas as sondagens, subir ao poder dentro de dois meses. Só os militares da extrema direita não aceitarão que o Governo da Espanha seja exercido pelos vencedores da guerra civil espanhola.

A UCD não soube resolver diversos problemas essenciais, sobretudo os do desemprego e do «terrorismo», que se põem em Espanha com uma agudeza tal que poderão mesmo ameaçar a existência da democracia. Os eventuais golpistas poderão utilizar es-



Calvo Sotelo, Primeiro-Ministro espanhol

tes mesmos problemas como argumento do «insucesso da democracia».

O risco de marcha-atrás tornou-se evidente desde 11 de Novembro de 1978, depois de várias tentativas de sublevação contra o rei e o chefe do Governo, Adolfo Suarez, reconhecendo-se mesmo que a democracia espanhola se encontra ameaçada.

Angola: O significado da presença cubana

«As forças cubanas continuarão a fazer face, conjuntamente com as Forças Armadas Angolanas (FAPLA), a invasão de grande envergadura contra o nosso território» — afirmou o Bureau Político (órgão supremo do MPLA — Partido do Trabalho) numa declaração publicada recentemente em Luanda, por ocasião do 60.º aniversário natalício do falecido

Presidente Agostinho Neto.

A mesma declaração precisou que a presença cubana será mantida enquanto Angola não tiver garantias efectivas do respeito da sua integridade territorial.

O Bureau Político rejeitou a responsabilidade do estado de guerra com a África do Sul, e reafirmou que não há nenhuma ligação entre a

questão namibiana e a presença cubana em Angola. Por outro lado, o órgão directivo do MPLA-PT reformulou a sua inteira disponibilidade em prosseguir os esforços diplomáticos com os países da «Linha da Frente» (Angola, Botswana, Zâmbia, Moçambique, Zimbábue e Tanzânia) e o «Grupo de Contacto» (Estados Unidos, Grã-Bretanha, RFA,

França e Canadá), com vista à descolonização da Namíbia.

No plano interno, o Bureau Político do M.P. L.A. constatou «uma situação económica e financeira difícil», e denunciou a «não aplicação das orientações do Partido por parte de certos dirigentes e responsáveis».

Crise do Médio-Oriente: «É a crise dos dirigentes árabes»

Mohamed Mzali, Primeiro-Ministro da Tunísia, considerou que a crise do Médio-Oriente é de facto «a crise dos dirigentes árabes», numa entrevista concedida à revista saudita «El Yamama», cujos extractos foram publicados na terça-feira em Tunis.

O chefe do governo tunisino declarou-se «moderadamente optimista» quanto às hipóteses de êxito da próxima cimeira árabe de Fez «porque existem antagonismos muito importantes entre os regimes árabes».

«Se a cimeira falhar novamente, os povos árabes convencer-se-ão de que alguns dos seus dirigentes não estão à altura das suas responsabilidades. Comportam-se como leões diante dos seus povos que oprimem e agem como ratos perante Israel. É a realidade: trata-se de uma crise dos governos árabes», afirmou Mzali, acrescentando que «os povos árabes agem bem, mas é preciso que haja um sobressalto a nível dos seus dirigentes».

Mohamed Mzali afirmou na entrevista à revista saudita que

durante a sua visita a Washington, nos Estados Unidos, notou «uma disposição norte-americana de reconhecer a OLP» precisando que «houve a este respeito uma troca de documentos oficiais».

Finalmente, o dirigente tunisino estimou que «a luta palestina continuará em duas frentes: na terra da Palestina e no plano diplomático».

O ÊXODO PALESTINIANO

É irónico que sejam os israelitas e os americanos, inimigos jurados da autodeterminação do povo palestino, que insistem na evacuação da OLP de Beirute pela via marítima. A ironia vem de numerosos paralelismos com a chegada dos colonos judeus à Palestina há vários decénios num êxodo anterior, paralelismos que foram muito notados no Ocidente.

Finalmente, o efeito nítido desta guerra e a maneira como ela terminou pela evacuação imposta por Israel e pelos Estados Unidos, reforçaram ainda mais a imagem dos palestinos como um povo sem pátria,

errando numa odisséia cruel imposta por duas potências. A imagem é correcta.

Tudo o que os palestinianos fizeram no contexto da sua luta, aprovado ou não pela opinião pública, teve por objectivo acabar com esta situação anormal e permitir o regresso dos palestinianos residentes no exterior da sua pátria, para viverem com dignidade e liberdade num Estado independente, com os seus compatriotas que viveram sob a ocupação durante muitos anos. Um objectivo simples.

Todavia, este objectivo foi encoberto com sucesso, muitas vezes intencionalmente, pela imagem dos palestinianos propagandeada pela imprensa, imagem dum povo irracionalmente violento ou instrumento dos seus irmãos árabes. A nova imagem, de homens que lutaram corajosamente em condições extremamente desiguais com o apoio de todo o seu povo, e que foram finalmente forçados ao exílio devido à inactividade dos seus irmãos, constitui uma mudança benéfica e há muito esperada.

PARIS — O governo francês está decidido a desenvolver de maneira importante a cooperação cinematográfica com os países do «Terceiro Mundo» e a assegurar uma maior abertura da França aos filmes destes países, declarou o ministro francês da Cultura, Jack Lang, numa entrevista ao jornal «Le Monde».

Lang anunciou que ia ser aumentada a difusão de filmes terceiro-mundistas na televisão francesa. Está prevista uma série de emissões constituída por telefilmes adaptados de obras como «A aventura ambígua», do senegalês Cheikh Amidou Kane e «A reza do ausente», do marroquino Tahar Ben Jelloun.

VIÚVA DE MAO

PEQUIM — O presidente do Partido Comunista Chinês, Hu Yaobang, indicou esta semana que a viúva do ex-presidente Mao Tse Tung, condenada à morte, com um adiamento de dois anos, por usurpação do poder durante a revolução cultural, não seria executada.

Jiang Qing, de 61 anos, foi condenada a 25 de Janeiro de 1981, no final de um processo espectacular dos principais dirigentes da revolução cultural chinesa ainda em vida.

GUERRILHA

SAN JOSÉ — Oito soldados do exército salvadoreño foram mortos no domingo passado pela guerrilha revolucionária em Jiquilisco, localidade situada na província de Usulután, afirmou na segunda-feira a Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (FMLN). As mesmas fontes precisaram que os oito soldados, pertencentes a um batalhão especializado em operações anti-guerrilha, morreram durante uma emboscada na estrada do litoral.

GAZODUTO

MOSCOVO — A União Soviética participará na construção na Líbia de um gazoduto entre Marsa El Brega e Misurata, com 570 quilómetros de comprimento. Este gazoduto abastecerá em gás a fábrica metalúrgica e os complexos químicos que serão construídos na costa mediterrânica da Líbia.

MORTE DE BERGMAN

LONDRES — A actriz sueca Ingrid Bergman, uma das últimas grandes vedetas de Hollywood, faleceu vítima de cancro no último domingo à noite em Londres, no dia do seu 67.º aniversário.

Conferência Islâmica

Bissau membro do Conselho de Administração

A República da Guiné-Bissau faz parte do Conselho de Administração do Fundo de Solidariedade da Conferência Islâmica que tem um capital não confirmado exactamente, mas rondando 275 milhões de dólares, distribuído consoante o número de países e as suas necessidades principais.

No ano passado o fundo concedeu o valor de 210 milhões de dólares aos países que sofrem da seca e da fome, dividido em duas zonas de aplicação: projectos alimentares e hidráulicos. Desse donativo a que o nosso país tinha direito não chegámos a beneficiar da nossa parte na totalidade. Assim, uma delegação guineense já teve oportunidade de discutir com os países doadores, caso concreto a Arábia Saudita e os Emiratos Árabes, as possibilidades de beneficiarmos do resto.

Estas informações foram-nos concedidas pelo camarada Lamine Haidará director-geral

do Ministério dos Negócios Estrangeiros que participou recentemente em Niamey na 13ª conferência dos países islâmicos a nível ministerial.

Lamine Haidará adiantou que da nossa parte há um certo mau aproveitamento e desleixo do Fundo cujos planos elaborados dão para activar e reactivar certos sectores técnicos, económicos e culturais dos países membros. «Os nossos ministérios devem apresentar pro-

postas e «dossiers» que posteriormente serão apresentados na Conferência para podermos beneficiar de mais ajudas». Caso concreto é a construção do Centro Islâmico do Gabú calculado em 33 milhões de dólares, que devido à sua grandeza será construído em partes, devendo começar em Novembro do ano em curso. Entretanto, na cimeira de Meca foi criado um novo fundo de três bilhões de dólares que será distribuído somente aos países menos desen-

volvidos, membros da Conferência Islâmica.

A Conferência Islâmica é uma organização política no seu todo.

Actualmente o número de Estados membros é de 43 após a suspensão do Egipto e do Afeganistão. A conferência reúne-se de três em três anos.

Saliente-se que a delegação governamental guineense era chefiada pelo camarada Samba Laminé Mané, membro do BP do PAIGC e Ministro dos Negócios Estrangeiros.

Assembleia Anual do BM e FMI

Uma delegação governamental da Guiné-Bissau encontra-se em Toronto, Canadá, para participar na Assembleia Anual do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional, que decorrerá de 6 a 9 deste mês.

A delegação, que partiu na quarta-feira passada, é chefiada pelo camarada Godinho Gomes, governador do Banco Nacional da Gui-

né e integra ainda os camaradas Abrantes Lopes, director-geral do BNG e Plácido Évora, director daquela instituição.

Durante a sua estadia no Canadá, a nossa delegação entabulará contactos com as autoridades canadianas, sobre as possibilidades de desenvolvimento da cooperação entre os dois países.

De regresso, a nossa comitiva deslocar-se-á a

Paris, onde terá encontros com os correspondentes do BNG naquele país, com os quais discutirão as modalidades práticas que permitem os nossos emigrantes enviarem dinheiro para o país. Em Portugal, ela avistar-se-á também com os correspondentes em Lisboa e procurará a resolução dos eventuais problemas que persistem na banca portuguesa.

Encerrado seminário de quadros administrativos

O seminário dos quadros da Administração Interna, que decorreu de 9 a 31 de Agosto, nas instalações da Escola de Direito, em Bissau, foi

encerrado na passada segunda-feira, na presença do camarada Fidélis Cabral d'Almada, membro suplente do BP do PAIGC e Ministro da

Justiça. Falando da matéria, aquele dirigente realçou a importância da iniciativa para o país e salientou que ela devia ter um carácter contínuo, por forma a podermos enfrentar as dificuldades de momento.

Entretanto, o camarada Orlando Nhaga, Presidente do Comité de Estado da Região de Bolama-Bijagós, reforçaria que não pode haver uma participação massiva dos cidadãos sem a vontade dinâmica dos militantes. A superação dos quadros administrativos, segundo aquele responsável regional, é um complemento das responsabilidades que assumem perante o Partido e o Governo, devendo pois ser desenvolvida a todos os níveis. «A experiência ensinou-nos que nenhum país pode ser independente com quadros estrangeiros e que, portanto, devemos ter sempre na nossa consciência que em primeiro lugar estão as nossas potencialidades» afirmou Orlando Nhaga.

Segundo foi referido na altura, algumas dificuldades, resultantes dos atrasos da preparação do seminário, foram criticados pelos seminaristas. Essas anomalias referem-se a alojamentos, transportes e alimentação.

Por seu turno, o camarada Jorge Miranda Lima, secretário-geral da Administração Interna, Função Pública e Trabalho, apontou as anomalias que afectam o funcionamento eficiente dos serviços administrativos, nomeadamente a não existência de quadros qualificados.

Ainda na sua intervenção, aquele responsável afirmou que as acções empreendidas pelos órgãos do Partido e do Governo visam a construção de uma Nação e o desenvolvimento económico acelerado, facto que exige um bom aparelho administrativo para que as mudanças notáveis na natureza e as dimensões das tarefas e responsabilidades sejam possíveis.

Donativo dos Estados Unidos

O Governo dos Estados Unidos da América, através da sua embaixada em Bissau, concedeu ao nosso país um donativo de quatro mil toneladas de arroz no valor de um milhão e novecentos mil dólares, incluindo o custo de transporte. Esta oferta do povo dos Estados Unidos vem em resposta ao apelo lançado pelo nosso Governo no que concerne à escassez do consumo do cereal no país.

A cerimónia de entrega do referido produto realizou-se segunda-feira, no Ministério dos Negócios Estrangeiros, na

presença do titular da pasta do Ministério do Comércio e Artesanato, camarada Carlos Correia e do senhor Peter Jon de Vcs, embaixador americano no nosso país, além de outras individualidades.

Recorde-se que o Governo dos Estados Unidos, através da Agência para o Desenvolvimento Internacional (AID), está a financiar alguns projectos na Guiné-Bissau que visam o aumento de produção, de maneira a reduzir a dependência do nosso país, do exterior, em matéria alimentar.

Ponto de ordem

De quem é a culpa?

Oh! que diabo! Tenho que abrir bem os olhos se não quero atropelar-me. Largo corredor percorre cerca de cem metros do prédio principal do Hospital «3 de Agosto», desde a telefonista ao Raio X. Mas se entra nele, nota-se logo sinais de vultos humanos que se movimentam, na esperança de um dia serem radiografados. «Qualquer dia um tipo morre antes que o médico descubra a sua doença» — exclamava um dos doentes encurralado no banco de espera a tossir, enquanto uma mão procurava no bolso um lenço para guardar o escarro que o peito não conteve.

Completava então uma semana que eu e outros andávamos num vai-vem, à espiagem do dia da claridade mágica que faz mover as máquinas do Hospital. «Outra vez não há luz!» Que remédio, a Central lá da cidade continua com avaria — respondeu à minha pergunta, uma voz que se ia afastando da sala, quando de novo insisti na minha dúvida: «e as máquinas que o Hospital tem ali atrás?» A resposta desta vez foi substituída por um gesto do encolher dos ombros do «enfermeiro» (talvez sim, talvez não) que desapareceu na penumbra do corredor.

E há quem diga que, com ou sem luz, o corredor nunca perde essa penumbra nem medida em que o tecto está sem lâmpadas talvez para não se deixar ver as paredes descascadas e a cuspir água da humidade da casa de banho ao lado. Onde está a manutenção?

Isso é secundário. O quê das máquinas geradoras que sempre forneceram electricidade ao centro hospitalar? Porque o Laboratório da Saúde Pública possui um, novo em folha e o conjunto do «3 de Agosto» nem tão pouco consegue manter em funcionamento outros dois?

A resposta não convence os doentes quando se diz que é por falta de bateria, falta de reserva de gasóleo, disto e daquilo. O que ficaria mais caro, a compra de um novo gerador ou a reparação dos dois antigos (baterias) e a planificação de uma reserva de combustível? Julgo que a DICOL está a enfrentar dificuldades no abastecimento aos consumidores. Contudo, entre sectores privilegiados, deve haver as mais prioritárias, e os hospitais não ficam para trás. Se para os geradores privadinhos há gasóleo, quanto mais, para um hospital, susceptível de sofrer as mais dramáticas consequências em cada período de horas de corte de energia.

Que a CEABIS é ou não responsável pela falta de luz, tanto disso já se ouviu e se escreveu. Dar a César aquilo que é de César. E se alguma culpa há, deve ser analisada num contexto geral de condicionalismos que envolvem toda a problemática da Central Geral, desde a necessidade de garantia, bem negociada, de peças, passando pelo funcionamento e manutenção constante. E não vamos, com isso, lavar a cara aos organismos competentes na sua responsabilidade para tal. Mas... coitadinhos dos trabalhadores da Central que, felizmente, chegam a fazer «milagres» em adaptações de novas peças que deviam estar reservadas...

FICHA TÉCNICA — JORNAL «NO PINTCHA»; AV. DO BRASIL, C. P. 154 — BISSAU

António Soares (Director em exercício); João Quintino (Chefe de Redacção em exercício)

REDACÇÃO: António Tavares, Baltazar Bebião, Carolina Fonseca, Fernando Jorge, Fernando Perdigão, João Fernandes, Pedro Albino, Pedro Quadé, Raimundo Pereira, Teresa Ribeiro. MAQUETAGEM: Cândido Camará. FOTOGRAFIA: Agostinho Sá, Casimiro Cá, José Tehuda, Manuel Costa, Mário Gomes, Pedro Fernandes. SECRETARIA DA REDACÇÃO: Eurídice Gama, Idel Miranda, Ivete Monteiro.